

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL**

CURSO DE GEOGRAFIA

GABRIELA CAROLINA MARION

**OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PROFISSIONAL
DAS MULHERES TRABALHADORAS NO RAMO DE SEMI-JÓIAS EM
LIMEIRA-SP**

**LIMEIRA/SP
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL**

CURSO DE GEOGRAFIA

GABRIELA CAROLINA MARION

**OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PROFISSIONAL
DAS MULHERES TRABALHADORAS NO RAMO DE SEMIJOIAS EM
LIMEIRA-SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia do
ICHPO para obtenção do título de
licenciado e bacharelado em Geografia.

**LIMEIRA/SP
2020**

GABRIELA CAROLINA MARION

**OS IMPACTOS DA MATERNIDADE NA VIDA PROFISSIONAL
DAS MULHERES TRABALHADORAS NO RAMO DE SEMIJOIAS EM
LIMEIRA-SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joelma Cristina dos Santos.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Joelma Cristina dos Santos - ICHPO/UFU (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Lúcia da Costa – ICHPO/UFU

Prof.^a Dr.^a Jussara dos Santos Rosendo – ICHPO/UFU

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais que fizeram do impossível, possível para que eu pudesse concluir essa graduação e, em especial às mulheres da minha vida que construíram a mulher que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente meus pais Tatiana e Paulo R. Marion, por apostarem no meu sonho de ingressar em uma universidade, por todo apoio financeiro, psicológico e por todo o preparo que me deram ao longo da vida para que me tornasse um bom ser humano, por trabalharem de maneira dura para a realização deste sonho fazendo do impossível, possível.

À minha irmã Paula B. Marion, por sempre mostrar que devemos rir da vida em seus gloriosos e dolorosos dias.

À minha mãe Tatiana M.D.A. Marion e minha avó Amélia de Araújo Marion por serem as mulheres base que construíram a mulher que sou hoje.

À minha família de forma geral que me incentivou e contribuiu para que eu acreditasse sempre que o aprendizado e a educação podem promover transformações.

Agradeço a todos os professores da minha vida, tão indispensáveis no caminho ao conhecimento, agradeço de forma especial à minha orientadora Joelma Cristina dos Santos, por acreditar no potencial deste estudo, me conduzir, por toda sua paciência e calma que foram de extrema importância para a elaboração deste trabalho.

Agradeço também ao coordenador do curso Sérgio Gonçalves, por ser um exemplo do que significa ensinar com proximidade e humanidade.

À toda comunidade acadêmica da UFU, professores, técnicos, que contribuem para com o funcionamento da instituição e para que ela exista, resista e persista com uma educação pública, gratuita e de qualidade.

Ao PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, por proporcionar experiências práticas que não podem ser exemplificadas em qualquer aula teórica, por me mostrar a paixão em ensinar e aprender conviver com aqueles que estão se construindo como seres humanos.

A todos que tive o prazer de dividir parte da minha vida, em especial às minhas companheiras de moradia, com quem brindei as alegrias e dores deste período, Ana Luiza Valério Bomfim, Ana Victória Maia Barbosa, Leticia A. Berchieri Oliveira.

Ao meu namorado Gabriel Pereira Diniz Targino, por me apoiar sempre, por ser companheiro e parceiro em todos os momentos, por me apoiar nas inúmeras dificuldades e por me fazer imensamente feliz todos os dias.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado a fim de pesquisar as relações existentes entre maternidade e trabalho, observando de maneira mais direta as questões de gênero e estudando o caso da cidade de Limeira-SP, na qual a principal atividade econômica é o ramo de semijoias. Sendo o estudo intitulado “Os impactos da maternidade na vida profissional das mulheres trabalhadoras no ramo de semijoias em Limeira (SP)”. O objetivo principal foi compreender a realidade das mulheres limeirenses frente a dualidade da maternidade e o mercado de trabalho, sendo a maternidade considerada um empecilho. Para se alcançar os objetivos propostos, foi utilizada uma metodologia qualitativa composta por levantamento bibliográfico inerente ao tema, entrevistas semi-estruturadas com 30 trabalhadoras do ramo de semijoias. É importante ressaltar que a escolha do número de entrevistadas se deve ao momento pandêmico vivenciado no ano de 2020. Como resultado da pesquisa foi possível constatar que embora as mulheres tenham conquistado espaço na sociedade através de seu trabalho, características sociais não se anularam, sendo assim, a discussão realizada nesse estudo aponta a precarização do trabalho feminino, no ramo de semijoias em Limeira (SP), com ênfase no caso das mulheres e mães, pois de maneira geral, o mercado de trabalho tem certa resistência ligada à maternidade, uma vez que isso é encarado como maior fonte de encargos (licença-maternidade) e maior afastamento das funcionárias de seu trabalho, já que essa se ausentaria mais vezes para cuidar de seus filhos. Deste modo, é possível perceber que a maternidade é encarada como um empecilho no mercado de trabalho ainda que esta seja valorizada pela sociedade, o que gera uma dualidade na vida de mães trabalhadoras. Entender esta dualidade, as transformações sociais e econômicas advindas do trabalho feminino bem como almejar melhorias futuras para a questão de gênero é de extrema importância para a sociedade como todo.

Palavras-chave: Mulheres, Maternidade, Trabalho, Gênero, Semijoias.

ABSTRACT

The purpose of this Undergraduate thesis is to research the existing connection between motherhood and Jobs. The base of the undergraduate thesis was in the city of Limeira (SP), in which the main economic activity is the business of semi-jewels. Since the study is entitled “The impacts of motherhood on the professional lives of women workers in the semi-jewelry business in Limeira (SP)”. The main objective was to understand the real life of women in Limeira (SP) in view of the duality of motherhood and labor market, and motherhood is considered a problem. To achieve the results, a qualitative methodology composed of a survey bibliography inherent to the theme, semi-structured interviews with 30 female workers in semi-jewelry. It is important to emphasize that the choice of the number of interviewees is due to the pandemic moment experienced in the year 2020. As a result of the research it was possible to realize that although women have conquered space in society through their work, social characteristics have not been canceled, therefore, the discussion held in this study points out the precariousness of female work, in the business of semi-jewelry in Limeira (SP), with emphasis on the case of women and mothers, because in general, the labor market has some resistance linked to motherhood, since this is seen as a major source of charges (maternity leave) and greater distance from employees from their work, since she would be absent more often to care for their children. In this way, it is possible to realize that motherhood is seen as a problem in the labor market even though it is valued by society, which generates a duality in the lives of working mothers. Understanding this duality, the social and economic transformations arising from female labor as well as how to aim for future improvements to the gender issue is of utmost importance for the society as a whole.

Keywords: Women, Maternity, Work, Gender, Semi-jewelry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização do município de Limeira (SP).....	11
Figura 2: Brasil: Mulher no mercado de trabalho 2012-2018.....	18
Figura 3: Brasil: Número médio de anos de estudo.....	19
Figura 4: Nível de escolaridade das entrevistadas	21
Figura 5. População economicamente ativa na cidade de Limeira (SP) por sexo.....	22
Figura 6: Média Salarial das Entrevistadas	22
Figura 7: Comparativo de estruturação etária 2000-2010	23
Figura 8: Número de filhos das entrevistadas	24
Figura 9: Sexo do responsável pelo cuidado de pessoas	26
Figura10: Distribuição de afazeres domésticos por sexo.....	26
Figura 11: Relação de entrevistadas que recebem ajuda do companheiro/pai dos filhos com as tarefas do lar.	27
Figura 12: Configuração das famílias brasileiras atuais:– Brasil 2010.....	29
Figura 13: Importância da renda feminina para a família em Limeira (SP).	30
Figura 14: Proporção d divórcios concedidos em primeira instancia, com guarda compartilhada, a casais com filhos menores de idade	31
Figura 15: Sindicalização das entrevistadas.....	40
Figura 16: Questionamento em entrevista de trabalho com questões ligadas a maternidade.	41
Figura 17: Contribuição de companheiro ou pai dos filhos na tarefa de cuidar dos filhos	42
Figura 18: Principal responsável pelas tarefas domésticas	43
Figura 19: Principal responsável pelas tarefas domésticas	44
Figura20: Assédio sexual entre as entrevistadas.	46

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO ATRAVÉS DO FEMINISMO.....	14
2.2 AS LUTAS TRABALHISTAS FEMININAS: DIFICULDADES E DIREITOS A SEREM CONQUISTADOS.....	17
3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E FINANCEIRA FAMILIAR; MULHER, MÃE E TRABALHADORA DO SÉCULO XXI.	25
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS DEPENDENTES DA RENDA FEMININA.....	28
4. O TRABALHO E A MATERNIDADE	34
4.1 A MULHER E MÃE TRABALHADORA EM LIMEIRA-SP	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERENCIAS	50
APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	54

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal compreender a realidade das mulheres e mães trabalhadoras no ramo de semijoias no município de Limeira-SP, com enfoque no desdobramento dos papéis exercidos pelas mulheres enquanto trabalhadoras e mães, funções estas que se entrelaçam a partir da perspectiva social e condição capitalista, onde a maternidade é considerada um empecilho pelo mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que, socialmente o valor agregado à mulher, está diretamente relacionado à sua capacidade de ser mãe e cuidar do lar.

É importante destacar que o termo “Empecilho”, amplamente utilizado neste estudo diz respeito ao seu significado: dificuldade, impedimento, neste caso as responsabilidades com a maternidade são consideradas um dificultador no mercado de trabalho.

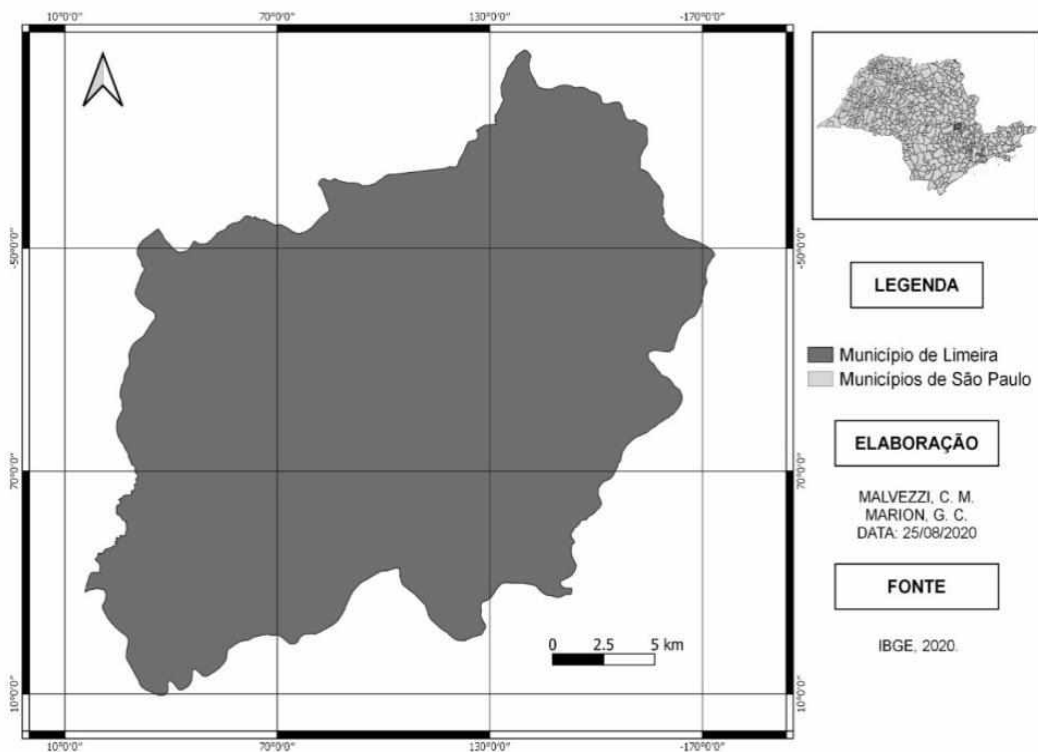
O município de Limeira se destaca economicamente por ser considerado pólo da produção de semijoias. O Arranjo Produtivo Local (APL) é formado por mais de 500 empresas formais, representando aproximadamente 90% da produção no Estado de São Paulo e 50% das exportações brasileiras, além de proporcionar mais de 45 mil empregos diretos e indiretos na região. (APL/IBGM, 2012).

Décadas atrás esta região era considerada a “capital da laranja”, mas esta cultura está em declínio na região e hoje, além de Limeira ser a referência nacional no segmento de semijoias, atualmente este setor corresponde à principal referência econômica do município. (DI GIULIO, 2007).

Localizado na mesorregião de Piracicaba, o município de Limeira possui extensão territorial de 580.983 km², e 276.022 habitantes dos quais 50,86% são do sexo feminino, de acordo com o censo demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2010. O mapa representado pela figura 1 ilustra a posição geográfica do município.

No que diz respeito à economia local, o PIB municipal foi de R\$ 40.393,18 no ano de 2017, segundo dados do IBGE, sendo atualmente a principal atividade econômica da cidade o comércio de jóias e semijoias, atividade esta que emprega em sua maioria mulheres.

Figura 1:Localização do município de Limeira-SP



Fonte: IBGE, 2020.

Existe evidentemente questões ligadas à divisão sexual do trabalho, no ramo das semijoias, já que o mercado demonstra certa preferência na contratação de mulheres, uma vez que os trabalhos são bastante manuais e ligados à delicadeza, uma característica considerada feminina conforme aponta Lima e Gemma:

Por meio de observações globais do trabalho das três fábricas de semijoias, identificou-se primeiramente que o trabalho na fabricação de semijoias é marcadamente feminino, trazendo à luz o fenômeno da divisão sexual do trabalho (Souza-Lobo, 2011) de forma determinista, ao destinar diferentes tarefas para homens e mulheres. O trabalho manual, com ações repetitivas, que exigem paciência, destreza e minúcia, como as atividades de montagem, cravação, colagem, aplicação de ródio e avaliação final de peças, são frequentemente destinadas às mulheres. (LIMA; GEMMA, 2019, p.7).

Uma vez que as mulheres passaram a ocupar novos lugares através de suas lutas, as dinâmicas funcionais das famílias se alteraram. Se outrora, a mulher era responsável pelos afazeres domésticos, criação e procriação, ao mesmo tempo surgiram novas obrigações, uma vez que agora perante as normas da sociedade e nova realidade capitalista, a mulher também é provedora do lar.

KOLLONTAI (2011, p.17) traz de maneira bastante interessante o desdobramento do lugar da mulher na atual sociedade:

As relações de produção que durante séculos mantiveram a mulher trancada em casa e submetida ao marido que a sustentava, são as mesmas que, ao arrancar as correntes enferrujadas que a aprisionavam impelem a mulher frágil e inadaptada a luta do cotidiano e submetem a dependência econômica do capital. (KOLLONTAI, 2011, p.17).

Na realidade feminina do século XXI, um tema bastante recorrente é a chamada jornada dupla, onde além do trabalho comum fora de casa, existe o trabalho doméstico e o trabalho da criação dos filhos, que é socialmente submetido a um dever quase que exclusivamente feminino.

As tão diversas atribuições destinadas às mulheres decorrentes da divisão sexual do trabalho trazem dificuldades e preconceitos à tona na colocação da mulher no mercado de trabalho.

No Brasil, as mulheres são maioria da população, passaram a viver mais, tem menos filhos e ocupam cada vez mais o espaço no mercado de trabalho e, atualmente, são responsáveis pelo sustento de 37,3% das Famílias. Dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio, divulgada pelo IBGE em 2013, indica que viviam no Brasil 103,5 milhões de mulheres o equivalente a 51,4% da população. (ANDRADE, 2016).

Estas condições sociais e naturais, mais especificamente quando se fala em maternidade e trabalho, trazem para a mulher uma grande barreira em sua colocação no mercado de trabalho, uma vez que a maternidade é vista como um dos motivos de menor produtividade dentre as mulheres, já que em teoria, as mães se ausentariam para cuidar de seus filhos, considerando que socialmente o papel de cuidado com os filhos é responsabilidade da mulher.

Segundo Andrade:

Decorrente diretamente da condição feminina, a mulher enfrenta a discriminação por gravidez, seja ela potencial ou efetiva, em razão do que muitas vezes é preterida no acesso ao emprego ou na ascensão profissional. O preconceito aqui está associado à expectativa de aumento de custos trabalhistas, transformando o que seria uma responsabilidade social em responsabilidade exclusiva da mulher pela função reprodutiva humana. (ANDRADE, 2016, p.41).

Muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres trabalhadoras estão ligadas à perspectiva social de gênero, questões ligadas diretamente à esfera social reprodutiva.

De todos os fatores relacionados à esfera reprodutiva, a presença de filhos pequenos é aquele que mais dificulta a atividade produtiva feminina, na medida em que o cuidado com os filhos é uma das atividades que mais

consome o tempo de trabalho doméstico das mulheres. As mães dedicam a estas atividades quase 32 horas do seu tempo semanal, um número muito superior ao da média feminina geral e mais ainda ao das mulheres que não tiveram filhos. (BRUSCHINI, 2007, p.545-546).

Desta maneira é possível perceber que a maternidade se torna um empecilho para mulheres que desejam unir seus desejos pessoais e profissionais, estando essas à mercê do preconceito de gênero e de tantos outros encargos destinados socialmente à mulher.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário a realização de alguns procedimentos metodológicos, tais como levantamento bibliográfico, levantamento de dados de fonte primária e secundária, bem como sua sistematização e análise.

Foi realizado o levantamento bibliográfico de temas que abordam a questão feminina como mãe e trabalhadora de forma mais ampla e geral, além de temáticas que discutem a precarização do trabalho com a finalidade de embasar a discussão desta pesquisa.

Quanto ao levantamento de dados de fonte primária, se deu através de entrevistas semiestruturadas realizadas com 30 trabalhadoras, mulheres, no ramo de semijoias, que ocupam diversas funções dentro do ramo, na cidade de Limeira (SP). As entrevistas com as trabalhadoras foram realizadas durante o mês de outubro, em lugares com alta concentração de comércio joalheiro, principalmente concentrados na Avenida Marechal Arthur da Costa e Silva, Jd. Glória. Devido a situação pandêmica Covid-19 foram realizadas também entrevistas a distância através de plataformas digitais e aplicativos de mensagens.

Por sua vez, os dados de fonte secundária, foram levantados junto às publicações do IBGE e principalmente o trabalho realizado pela Universidade de Campinas (UNICAMP) sob organização de BAENINGER, que colabora com diversos dados quantitativos específicos do município de Limeira (SP), além disso, estudos científicos sobre gêneros bem como artigos que tratam da maternidade e questões econômicas ligadas à temática.

Cabe ressaltar que a situação pandêmica e praticamente a totalidade do ano letivo realizado à distância, levou à diminuição da amostra de entrevistadas, com a realização de 30 entrevistas junto às mulheres que trabalham no ramo de semijoias.

Por fim, realizou-se a sistematização e análise dos dados estatísticos (primários e secundários) coletados, de forma que estes foram convertidos em tabelas e gráficos, para uma melhor compreensão e correspondência com o referencial teórico levantado e expressão dos dados obtidos em campo.

Essa estruturação, tanto dos dados primários e secundários, juntamente à discussão teórica deu origem à elaboração da organização das seções deste trabalho de conclusão de curso, que será seguido de sua defesa.

2. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO ATRAVÉS DO FEMINISMO

O espaço da mulher na sociedade sempre esteve relacionado ao de uma figura submissa aos desejos patriarcais, ficando responsável pelo sucesso familiar no que diz respeito à criação dos filhos, aos trabalhos domésticos, e encarregada pelo bom desenvolvimento da família ou culpada, no caso de não atingir o que se espera do seu “papel como mulher”.

As conquistas femininas realizadas a partir de árdua luta, lhes confere uma certa autonomia sobre o seu ser pessoal, que não serve apenas ao desejo do outro, além do fato que seu ganho próprio lhe traz maior poder de decisão em seu lar.

A luta das mulheres está na libertação das amarras de um senso moral construído pela cultura machista, cristalizada durante séculos. Não é apenas pela igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço; mas são, também, na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos, e pelo respeito à alteridade. (PEDRO; GUEDES, p.05,2010).

Embora a mulher sempre tenha trabalhado durante toda a trajetória da humanidade, foi apenas a conquista de trabalhar fora do lar e com uma profissão, que lhe atribuiu à visão social de trabalhadora.

Probst (2003) assume que o trabalho da mulher para além do lar tenha começado durante a I e II Guerras Mundiais devido ao recorrente fato, na época, dos homens terem de ir às batalhas e as mulheres terem que assumir as posições ocupadas por eles até então. E, ainda que, com o término das guerras, a obrigação de muitas mulheres em deixar de atuar somente na esfera privada permaneceu, pois muitos maridos não voltaram com vida e outros impossibilitados de trabalhar, cabendo à mulher dar continuidade aos negócios da família ou ao trabalho do marido.

A conquista da mulher de ser inserida no mercado de trabalho remete diretamente ao movimento feminista, pois historicamente através deste, diversos direitos foram adquiridos e considerando a linhagem histórica de fatos, a primeira onda do feminismo aconteceu no século XIX, quando as mulheres na Inglaterra, se organizaram a fim de adquirir o direito ao voto.

No Brasil, a situação da mulher não era muito diferente conforme aponta Costa, 2018:

A visão de mulher da classe média vigente no século XIX em nosso país era a de “Senhora do lar”, aquela cuja função e dever era cuidar do marido, dos filhos, parentes, e manter a casa em plena ordenança. Desde o início da história da civilização, a dominação masculina era predominante, tanto dentro quanto fora do lar, relegando-se à mulher o lugar de submissa e dominada. A principal característica desse regime patriarcal é que ao homem cabia o domínio público, as relações sociais diversas, a política e os negócios; à mulher, por sua vez, era reservado o domínio privado, ou seja, a casa e o círculo familiar. (COSTA, 2018, p.435).

No Brasil, o início do movimento feminista também está ligado à busca pelo direito ao voto. Em 1927 através de um abaixo assinado, a bióloga Bertha Lutz levou ao senado federal a proposta de direito ao voto feminino, que se tornou realidade apenas em 1932.

A permanência da mulher no lar e cumprindo apenas tarefas domésticas, bem como o trabalho de cuidar dos filhos, reflete uma expectativa da sociedade fundada no poder masculino sobre as mulheres. (RAGO,1985).

Considerando a organização econômica e o processo de urbanização do século XX, a mulher ganha espaço no mercado de trabalho e a família ganha uma nova organização interna:

No século XX, um conjunto de acontecimentos especialmente relacionados ao processo de urbanização e desenvolvimento das cidades e à entrada das mulheres no mercado de trabalho levou a mudanças econômicas da sociedade que contribuíram não só para o início do processo de autonomia e independência financeira da mulher diante do homem como também acenam para mudanças nos usos, costumes, valores e projetos de família. (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p.6).

Em 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU), declara esse ano como o Ano Internacional das Mulheres, contribuindo para o fortalecimento dos movimentos feministas. Em comemoração à data, foram organizados dois eventos: um por grupos informais e privados de mulheres e com o apoio da ONU e, outro, pelo Movimento Feminino pela Anistia, com a participação de mulheres que vivenciaram o exílio, inovando a forma de pensar das brasileiras.

Ainda que internacionalmente existisse um grande movimento revolucionário feminista, no Brasil, as conquistas femininas davam pequenos e sorrateiros passos, uma vez que o país passava por um forte e repressor regime militar conforme Oliveira e Cassab:

Ainda, durante a ditadura, o movimento passava, dentro e fora do Brasil, por um período com divergências de cenário: enquanto no exterior se revolucionavam costumes, cultura e forma de pensar, o Brasil sofria forte repressão, sem nenhuma liberdade de expressão, em que não se podia reivindicar muita coisa na sociedade, inclusive dentro do feminismo, uma vez que as mulheres que queriam dar continuidade ao movimento tinham de se encontrar às escondidas. (OLIVEIRA; CASSAB, 2018, p.4).

O momento pós-regime militar trouxe a tona no meio acadêmico a mulher como ser objetificado, como instrumento para os desejos de uma sociedade machista e como instrumento de conquista de objetivos sob tortura:

De forma insólita, em 1996, o espaço acadêmico se abriu para um evento eminentemente político que debatia a tortura durante a ditadura militar no Brasil. Neste seminário foi discutida a presença da mulher como protagonista na resistência à ditadura e, pela primeira vez, como vítima de uma violência específica. Os depoimentos femininos foram contundentes em revelar um corpo ferido e torturado com base naquilo que identifica o ser mulher em nossa sociedade, dada a forma específica de violência a que a repressão submeteu as mulheres militantes. Elas foram atingidas não apenas sexualmente, mas também por uma manipulação do vínculo entre mãe e filhos, uma vez que este vínculo torna a mulher particularmente vulnerável e suscetível à dor. (SARTI, 2001, p.4)

Entender as questões femininas ligadas diretamente ao gênero na sociedade é imprescindível, pois traz de forma mais objetiva as questões de diferenciação presentes na sociedade.

A partir do momento em que o conceito de gênero passa a ser constatado, é possível verificar com maior clareza as discriminações relativas a gênero, que, até então eram vistas com naturalidade para a maior parte das sociedades e através dessa naturalização, cada sociedade emprega seus conceitos de comportamentos considerados adequados às mulheres. Na maior parte delas, a mulher deve apresentar características como sensibilidade, protetora da prole e do lar, procriadora dentre outras que revelam o sexo frágil. (PEDRO; GUEDES, 2010, p.4)

Embora ainda hoje exista diversas e modificadas lutas para uma equivalência, no que diz respeito às questões empregatícias de gênero, as mulheres conquistaram um considerável espaço no mercado de trabalho, que apresentando frequente crescimento da participação feminina, ainda que isso não lhe conceda equidade no trabalho.

A conquista feminina de seu espaço no mercado de trabalho impulsionou importantes mudanças sociais e econômicas na sociedade, mesmo existindo divisões sexuais no trabalho, ligadas ao que se considera tarefas femininas; neste sentido a inclusão de mulheres e meninas na ciência e profissões elevadas socialmente causa grande impacto na conquista do espaço feminino e nas conquistas sociais/econômicas como um todo.

As mudanças apontam na direção de um pólo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem-se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 aqui incluídos o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em consequência, em seu ingresso

maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2000, p.68).

Desta forma, a conquista feminina de novos lugares no mercado de trabalho e consequentemente de maior espaço na sociedade capitalista, lhe confere maior autonomia e liberdade através do trabalho, embora estas conquistas se mostrem até então muito distantes de uma equidade de gênero como será abordado no decorrer deste trabalho.

2.2 AS LUTAS TRABALHISTAS FEMININAS: DIFICULDADES E DIREITOS A SEREM CONQUISTADOS.

A Constituição Federal em seu artigo 5 trata da chamada igualdade de gênero e prevê que todas as pessoas, independentemente de seu gênero, são iguais sob a ótica da Constituição. Isso quer dizer que todas e todos devem ter os mesmos direitos, oportunidades, responsabilidades e obrigações.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Embora as mulheres tenham conquistado cada vez mais postos de trabalho durante os últimos anos e apesar de isso representar uma grande conquista, muitas dificuldades ligadas ao gênero são enfrentadas na prática.

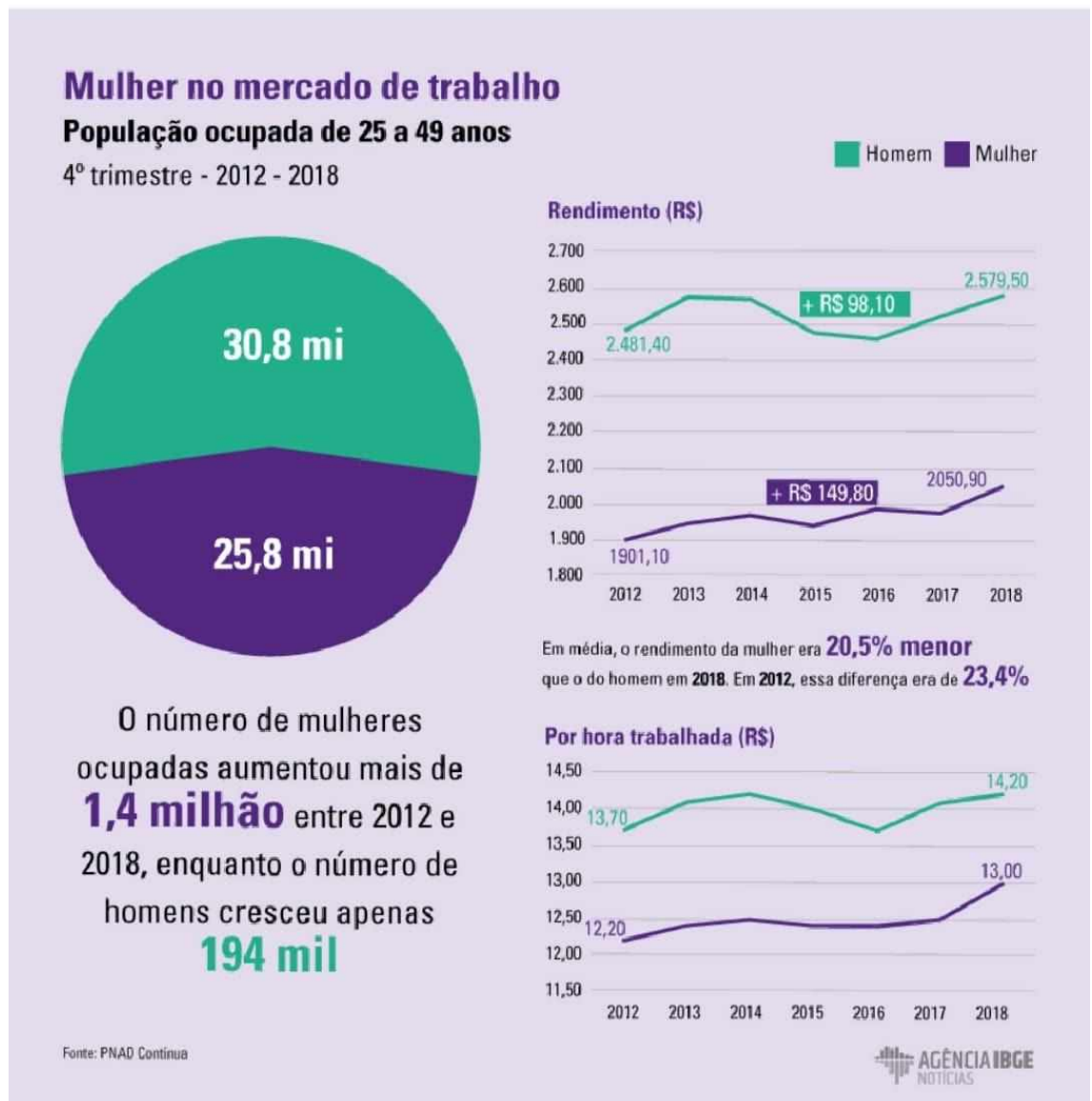
A primeira e bastante expressiva se dá por conta da diferença salarial conforme mostra o Censo 2020 do IBGE.

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD Continua) do IBGE, houve uma leve queda na desigualdade salarial entre 2016 e 2018, as mulheres ganham em média, 20,5% menos que os homens no país.

Os dados, relativos ao quarto trimestre de 2018, consideraram apenas pessoas entre 25 e 49 anos, e mostram que a disparidade entre os rendimentos médios mensais de homens (R\$ 2.579) e mulheres (R\$ 2.050) ainda é de R\$ 529. A menor diferença foi de R\$ 471,10 em 2016, quando as mulheres ganhavam 19,2% menos.

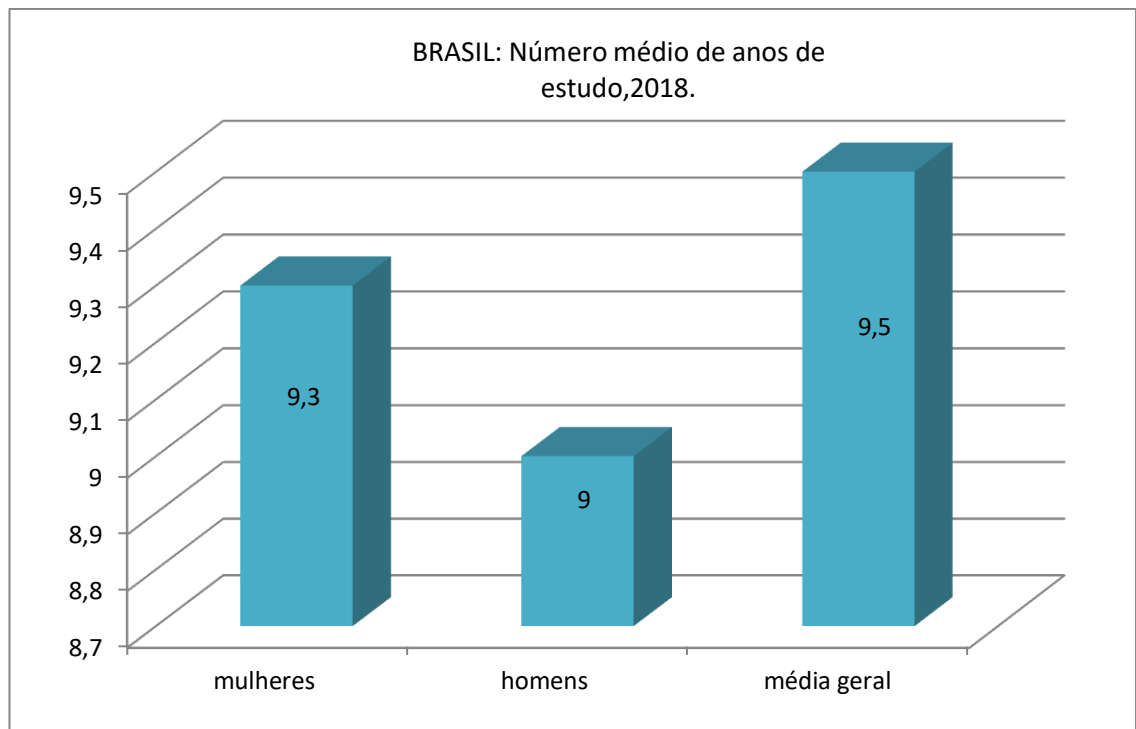
Dois outros fatores explicam essa diferença no rendimento médio entre os sexos. As mulheres trabalham menos horas (37h54min) que os homens (42h42min), além de receberem valores menores (R\$ 13) que seus pares masculinos (R\$ 14,20) por hora trabalhada. Conforme a figura 2:

Figura2: Brasil: Mulher no mercado de trabalho 2012-2018.



Fonte: IBGE-Censo demográfico 2020- PNAD Contínua

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a partir dos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad 2011). Entre os dados apontados pelo estudo está o de que as mulheres são mais escolarizadas do que homens, especialmente entre a idade dos 20 aos 24 anos de idade, conforme figura 3.

Figura 3: Número médio de anos de estudo

Fonte: IBGE-PNAD Contínua, 2018.

Org.: MARION G.C. (2020).

Ainda que as mulheres estejam mais preparadas para o mercado de trabalho quando se considera a formação acadêmica, elas sofrem com maior pressão e menor rendimento financeiro, embora isto seja ilegítimo legalmente, tanto pela constituição Federal, como já mencionado, como pela própria CLT.

Mesmo por terem anos a mais de estudo e se mostrarem mais qualificadas que os homens, a vida da mulher brasileira no mercado de não tem sido fácil. Obrigadas a exercerem dupla jornada, a maioria tem que exercer a sua função laboral e ao chegar a sua residência tem que realizar muitas vezes sozinha os serviços de cuidado da casa e dos filhos, a mulher trabalhadora brasileira ainda sofre com o preconceito e a discriminação no mercado de trabalho. Por mais que a Consolidação das leis de trabalho – CLT, em seu artigo 461 caracterize como crime distinguir os salários de uma mesma função por questões de gênero, sexualidade e/ou raça, é comum se encontrar mulheres que exercem as mesmas funções que homens e recebem menos. (SANTOS, 2019, p.15).

A divisão sexual do trabalho se faz presente de maneira bastante perceptível, sendo um tipo de precarização do trabalho, quando se considera que as mulheres estão mais bem preparadas e ainda assim na média geral ganham menos quando comparadas ao rendimento geral dos homens conforme descreve Bruschini (2000) ao se examinar a divisão sexual do trabalho e a questão da discriminação, deve-se considerar a polarização existente no mercado de trabalho nacional, que se revela na segmentação dos postos de trabalho em termos de nível

de produtividade e nível de remuneração. Acreditava-se que no polo onde as ocupações são mais qualificadas e os empregos são mais bem regulamentados havia condições mais favoráveis para combater a discriminação de gênero

A discriminação de gênero no mercado de trabalho apesar de ser perceptível ocorre de forma velada, onde de maneira geral, o homem tem mais chances de ter melhores cargos e melhores salários, muitas vezes salários maiores quando comparados à mesma função ocupada por uma mulher. Proni (2018) chama esse fenômeno de “teto de vidro” conforme exemplifica:

Assim, ainda que a divisão sexual do trabalho profissional esteja se alterando e que mulheres ocupem profissões de alta qualificação e status social, a discriminação permanece gerando condições desiguais. Muitas mulheres enfrentam no mercado de trabalho barreiras invisíveis (“teto de vidro”) que acarretam grande dificuldade em galgar postos destacados e de maior responsabilidade, apesar das conquistas históricas do movimento feminista. Tal dificuldade pode estar relacionada com a dupla jornada de trabalho e a necessidade de conciliação entre vida profissional e vida familiar. (PRONI, 2018, p.5).

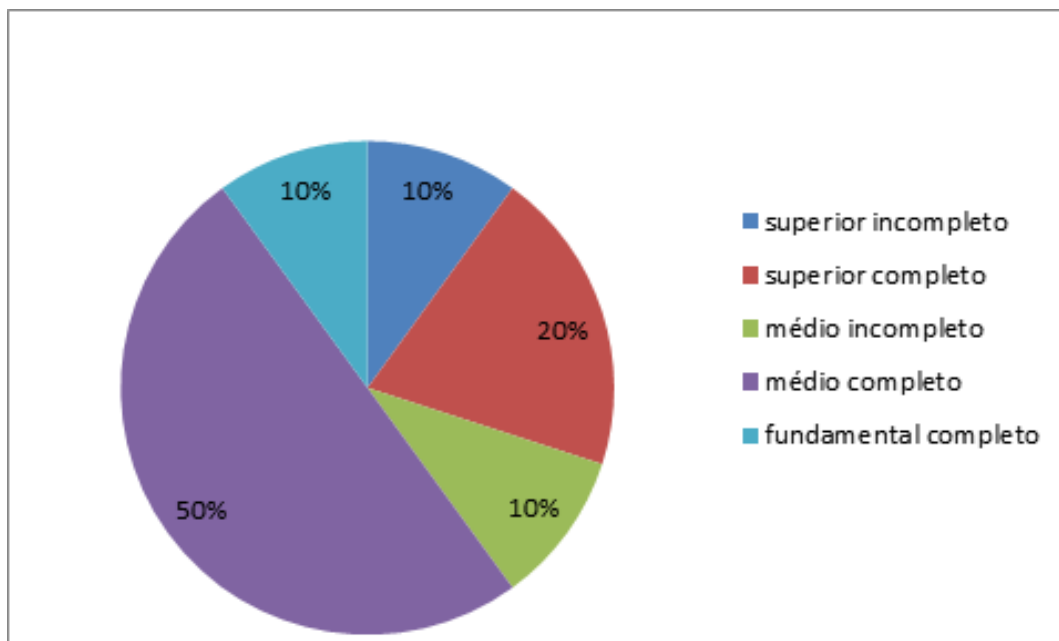
Sabe-se que o progresso técnico no mundo do trabalho provoca múltiplas modificações financeiras e sociais como a queda na oferta de empregos sem a exigência de experiência e a cobrança de uma escolaridade maior, além de uma melhor remuneração de acordo com a formação.

Destacando as questões ligadas a divisão sexual do trabalho, o mercado de semijoias demonstra certa preferência na contratação de mulheres uma vez que os trabalhos são bastante manuais e ligados a delicadeza, uma característica considerada feminina conforme aponta Lima & Gemma:

Identificou-se primeiramente que o trabalho na fabricação de semi-joias é marcadamente feminino, trazendo à luz o fenômeno da divisão sexual do trabalho (Souza-Lobo, 2011) de forma determinista, ao destinar diferentes tarefas para homens e mulheres. O trabalho manual, com ações repetitivas, que exigem paciência, destreza e minúcia, como as atividades de montagem, cravação, colagem, aplicação de ródio e avaliação final de peças, são frequentemente destinadas às mulheres. (LIMA; GEMMA, 2019, p.7).

Da mesma forma as mulheres na cidade de Limeira buscam melhor formação e conseqüentemente maior progresso no mercado de trabalho, a partir de dados levantados através de trabalho de campo, 50% das trabalhadoras no ramo de semijoias no município de Limeira, possuem ensino médio completo e outros 30% já cursaram ou estão cursando o ensino superior, sendo melhor representado como na figura 4.

Figura 4: Nível de escolaridade das entrevistadas



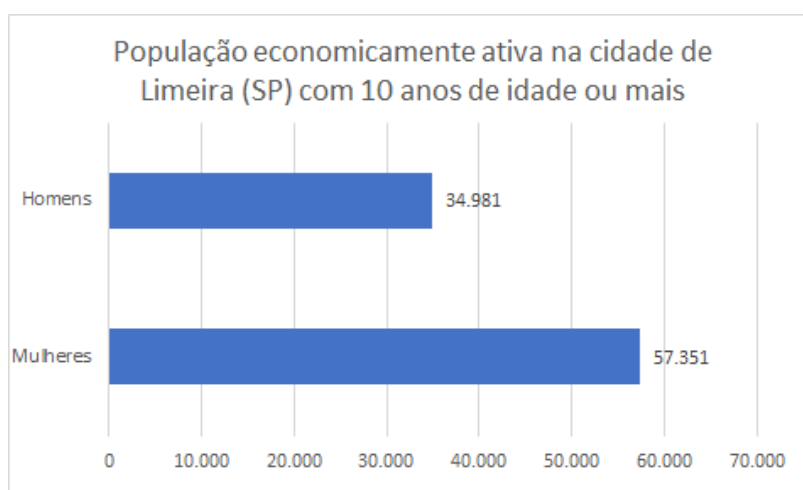
Fonte: Trabalho de campo 2020.

Org.: MARION, G.C (2020).

As mulheres economicamente ativas no município de Limeira de acordo com o Censo demográfico realizado em 2010 pelo IBGE, é maioria representando 62,11 % da população economicamente ativa da cidade.

A figura 5, elaborado através de dados obtidos pelo IBGE no Censo Demográfico de 2010, mostra a diferença na ocupação de vagas do mercado de trabalho na cidade de Limeira (SP) segundo o sexo.

Figura 5. População economicamente ativa na cidade de Limeira (SP) por sexo.



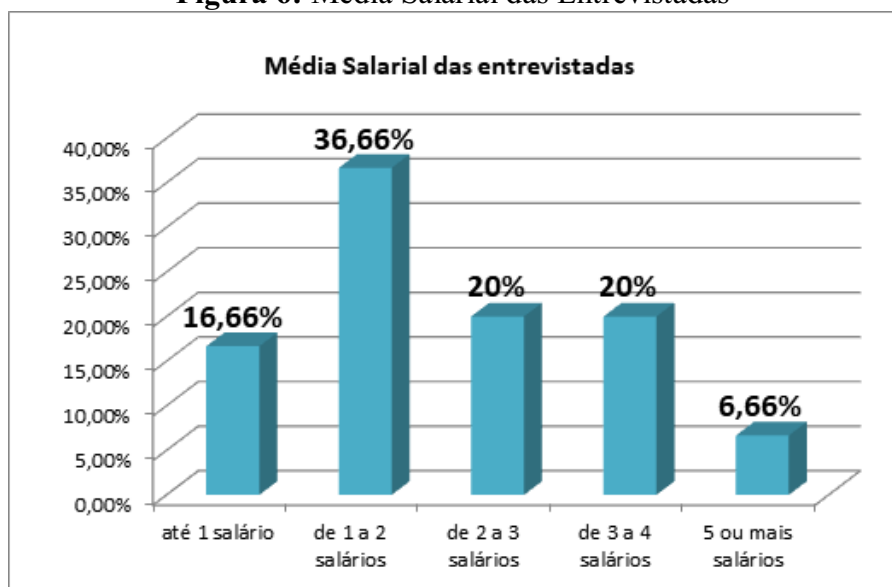
Fonte: IBGE-Censo Demográfico-2010

Org.: MARION, G.C. (2020).

No que diz respeito aos salários das trabalhadoras de semijóias em Limeira, a partir de dados levantados em pesquisa de campo, a média salarial das trabalhadoras neste ramo gira

em torno de 1 a 2 salários mínimos conforme demonstrado no gráfico 6. Deve-se ressaltar que esta pesquisa considerou apenas trabalhadoras devidamente registradas conforme determina a CLT. Os dados foram representados graficamente na figura 6.

Figura 6: Média Salarial das Entrevistadas



Fonte: Trabalho de campo 2020.

Org.: MARION, G.C (2020).

Quanto ao rendimento familiar e ocupação dos habitantes, os dados publicados pelo IBGE, sobre o panorama disponível no IBGE Cidades, referente ao ano de 2018, a renda média mensal era de 3.0 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 31,0%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 64 de 645 e 117 de 645, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 200 de 5570 e 438 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 30.5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 371 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 4579 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

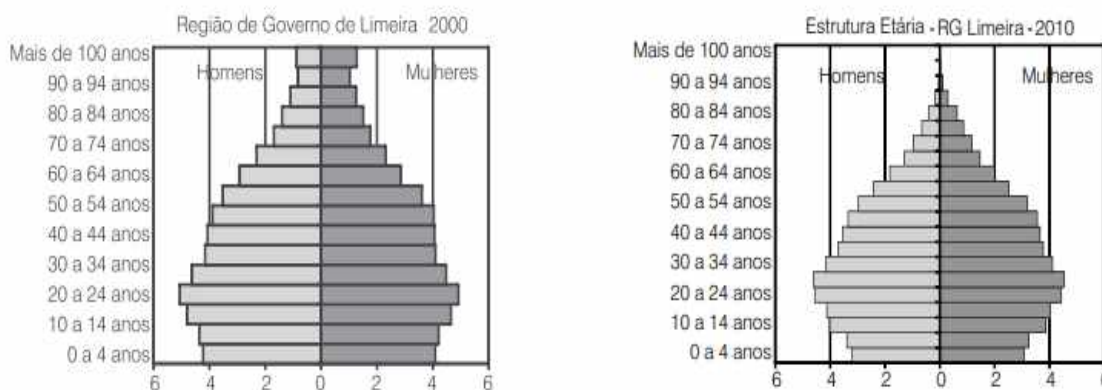
A taxa de fecundidade entre as mulheres limeirenses vem caindo nas últimas décadas, em pesquisa de campo foi possível constatar nas trabalhadoras e mães que sua principal preocupação financeira está ligada aos filhos. Um estudo sobre a estrutura etária municipal, realizada por Peres e Baeninger pode se afirmar a queda da taxa de fecundidade:

Analisando a Estrutura Etária da Região de Governo de Limeira, entre 2000 e 2010, observam-se as tendências atuais da dinâmica demográfica. Primeiramente, destaca-se o efeito da queda da fecundidade, em curso no

Estado de São Paulo nas últimas décadas, através do estreitamento da base da pirâmide. A taxa de fecundidade total da Região de Governo de Limeira vem caindo nas últimas décadas, transformando a estrutura etária dos municípios da região, refletindo a diminuição do peso da população infantil e, ao mesmo tempo, o aumento da proporção de idosos, principalmente da população feminina, anunciando um processo de envelhecimento nos municípios da RG de Limeira. (PERES; BAENINGER, 2012, p.30).

A figura 7 representa um comparativo de faixa etária entre o ano 2000 e o ano 2010, no município de Limeira (SP).

Figura 7: Comparativo de estruturação etária 2000-2010



Fonte: PERES; BAENINGER, 2012, p. 30.

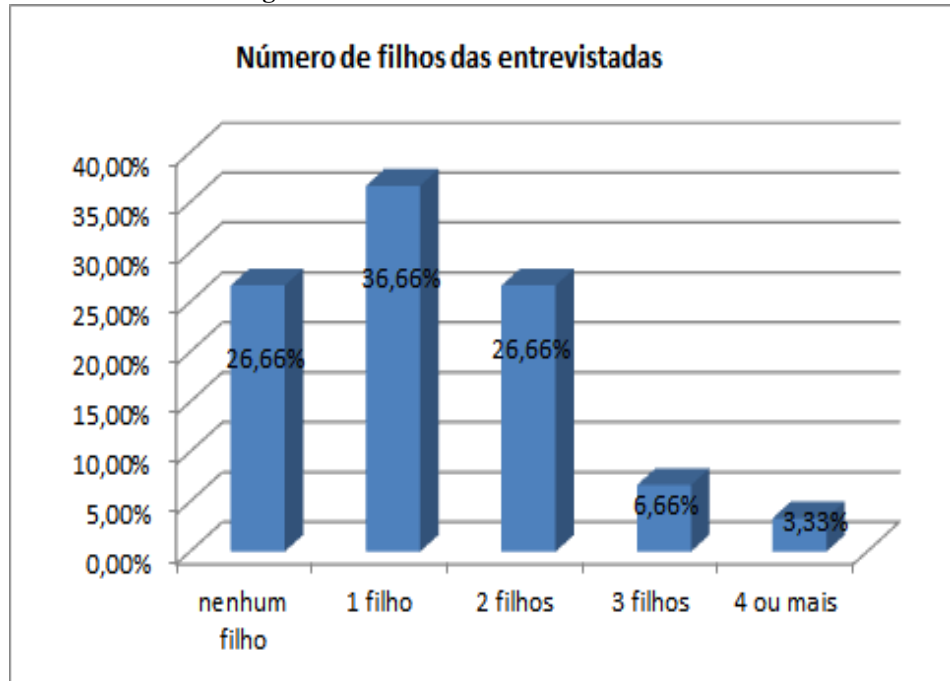
Muitos fatores levaram à queda da taxa de fecundidade, o principal deles pode ser relacionado à teoria de cunho pessimismo malthusiano. A teoria Neomalthusiana está baseada no controle populacional como técnica para diminuir a pobreza e miséria em países menos desenvolvidos essa perspectiva, em linhas gerais, preconiza a difusão de medidas governamentais para intensificar o controle do crescimento da população, principalmente em países considerados subdesenvolvidos ou periféricos.

O confronto político-ideológico internacional acabou transformando, definitivamente, no mundo capitalista, o otimismo demográfico em um pessimismo de cunho malthusiano. Acreditava-se, então, que a redução do rápido crescimento demográfico de países como o Brasil não ocorreria sem uma eficiente política de controle da natalidade. Mais ainda, dentro da agenda internacional, o crescimento populacional tornou-se uma variável politicamente estratégica e o controle da natalidade passou a fazer parte de pacotes de colaboração econômica, política e militar. (CARVALHO; BRITO, 2005, p.354).

A partir de pesquisa de campo foi constatado a partir dos relatos das mulheres e mães trabalhadoras no ramo das semijoias em Limeira que, de maneira geral existe um planejamento familiar e o número médio de filhos das trabalhadoras é bastante baixo e a

grande maioria declarou que seus ganhos são destinados a uma melhoria na qualidade de vida dos filhos, sendo esta questão apontada como principal preocupação financeira. A figura 8 mostra o perfil médio de filhos destas mulheres.

Figura 8: Número de filhos das entrevistadas



Fonte: Trabalho de campo 2020.

Org.: MARION, G.C (2020).

A diminuição da taxa de fecundidade está diretamente ligada à construção histórica da sociedade como um todo e principalmente da construção histórica de ocupação da mulher na sociedade, uma vez que a partir da urbanização e das modificações no estilo de vidas causado pelo capitalismo, às mulheres passaram a ser fonte de renda principal ou complementar, tendo outras funções, além do cuidado com os filhos e uma nova preocupação com a qualidade de vida destes, ligada diretamente à renda familiar.

3. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL E FINANCEIRA FAMILIAR; MULHER, MÃE E TRABALHADORA DO SÉCULO XXI.

A formação social a partir do capitalismo e ao longo das lutas feministas trouxe para as mulheres uma lista de expectativas sociais, onde a sociedade espera que uma mulher seja livre, trabalhadora, mãe, independente e cuidadora principal da sua família.

O trabalho feminino é de extrema importância, uma vez que na realidade da maioria das famílias brasileiras, a renda desta mulher é essencial para uma melhor qualidade de vida familiar.

Apesar da construção histórica de conquistas femininas uma linhagem do pensamento não mudou: a mulher é a responsável principal de seu lar na educação dos filhos e afazeres domésticos, as expectativas criadas de maneira enraizada na sociedade, quase sempre traz uma acumulação de tarefas que pode levar ao pensamento de insuficiência por parte da mulher, além do desgaste físico existe também o desgaste psicológico conforme apresenta Dr. Rennó Jr. em entrevista concedida ao jornal Estadão:

A luta feminina, pela verdadeira felicidade, ainda está longe do seu final. Vários fatores corroboram o meu ponto de vista. A mulher acaba tendo múltiplos papéis sobrecarregados e cobranças sociais e familiares, com conflitos consequentes envolvendo a educação dos filhos e a colaboração ativa como profissional. Seu trabalho ainda é desqualificado, apesar das evoluções recentes. Vivemos em uma sociedade compressor e massacrante, altamente geradora de estresse, através de padrões pré-estabelecidos que tentam impedir uma reflexão individualizada. Modelos prontos de felicidade são vendidos por alguns autores de livros de autoajuda. A mídia cria, em certas situações, estereótipos incongruentes e reducionistas do espectro comportamental feminino. (RENNO JR.J. 2013).

A conjunção dos aspectos sociais, psicológicos e financeiros atribui a mulher uma sobrecarga psicológica e física uma vez que estas são induzidas a se culparem por realizar um desejo pessoal ou dedicar mais tempo ao trabalho, que aos cuidados domésticos ou cuidado com os filhos.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), enquanto 91% das mulheres afirmam fazer tarefas domésticas, apenas 55% dos homens dizem que cuidam do lar. São atividades como arrumar ou limpar a casa, cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, cuidar de filhos ou pessoas idosas, dentre outras, conforme exemplificado nos Figura 9 e 10.

Figura 9: Sexo do responsável pelo cuidado de pessoas
Cuidado de pessoas



Fonte: IPEA, 2018.

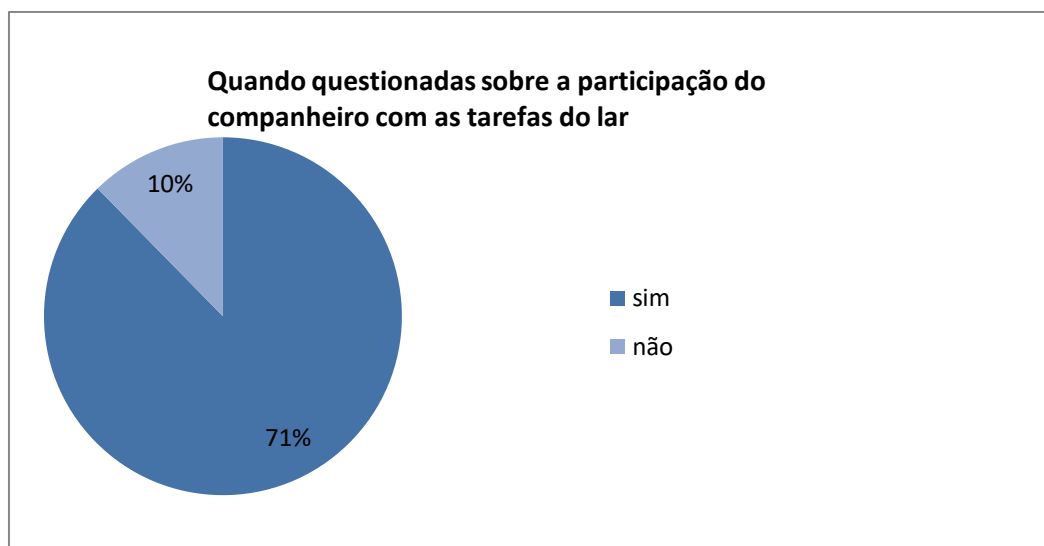
Figura10: Distribuição de afazeres domésticos por sexo.
Afazeres domésticos



Fonte: IPEA, 2018.

A partir dos dados coletados em trabalho de campo, quando questionadas se recebem ajuda do companheiro e/ou pai de seus filhos nas tarefas do lar, 66,66% das entrevistadas responderam que sim, o que demonstra um avanço nas conquistas femininas, mas demonstra que ainda é necessário avançar mais. A figura 11 demonstra a posição das entrevistadas quando questionadas sobre o fato da participação masculina nas tarefas do lar.

Figura 11: Participação do companheiro/pai dos filhos com as tarefas do lar.



Fonte: Trabalho de Campo, 2020.

Org. Marion, G.C (2020)

Considerando o mundo capitalista atual, o trabalho fora do lar da mulher é de extrema importância, tanto do ponto de vista econômico, quando se considerando o poder decisivo ocasionado pela sua independência financeira, pois a partir desta a mulher recebe maior autonomia e ganha maior voz ativa na tomada de decisões do convívio familiar.

Nas palavras de Lister (2000), o comprometimento das mulheres com o trabalho não pago na esfera doméstica (...) pode limitar o tempo em que as mulheres estão disponíveis para se comprometer com o trabalho remunerado e as responsabilidades que podem assumir. Ao mesmo tempo, a posição de mulheres e homens no mercado de trabalho alimenta de volta a posição delas na família já que possuir poder financeiro pode aumentar sua participação na tomada de decisões do lar.

A lógica econômica gerada pelo mercado de trabalho desigual encoraja uma divisão tradicional do trabalho doméstico. Recompensas econômicas diferentes pela participação no mercado de trabalho podem se transformar em poderes diferentes dentro da própria família. (LISTER, 2000, p.27).

Ao longo do desenvolvimento da sociedade e da ocupação e conquista feminina no espaço social para além, do seu papel como subserviente do homem, diversos aspectos do âmbito familiar e conseqüentemente social se modificaram.

É inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem. As mulheres, menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas naturalmente

desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar a sua própria independência e participar de modo mais completo e influente na vida da sociedade. (SOUZA, 2005, p.72).

O dinheiro nesses casos, muitas vezes é usado como uma ferramenta de controle das mulheres. Como elas tem pouco acesso a ele, na visão dos maridos/companheiros, isso dificulta para que elas ajam de maneira independente e fora do alcance e controle masculino.

Ainda no que concerne às famílias chefiadas por mulheres, Safa (1999) traz à tona a visão social ainda persistente da mulher chefe de família, a um status social de pobreza, estas questões estão diretamente ligadas, de forma muitas vezes velada no pensamento da sociedade ainda tão firme aos “costumes tradicionais” e ao ideal de homem provedor.

A visão negativa das unidades domésticas chefiadas por mulheres é em parte conceitual, devido a nossa ênfase eurocêntrica na família nuclear como a norma e a encarnação da modernidade e do progresso [...]. Esta visão patológica das unidades domésticas chefiadas por mulheres contribui para a crença de que estas geram pobreza; em lugar de vê-las como um resultado dela, e um resultado, por acréscimo, em que as políticas neoliberais têm desempenhado um papel destacado (SAFA, 1999, p.9, tradução da autora).

Estes fatores demonstram que ainda que a mulher conquiste seu lugar na esfera social e econômica, a separação sexual de funções ainda presente e enraizada mesmo que de forma mais suave que outrora, ainda desqualifica as conquistas femininas, e o papel da mulher quase sempre está atrelado ao de mãe, esposa e outras posições relacionadas aos serviços prestados à família.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS DEPENDENTES DA RENDA FEMININA.

Nos últimos anos a organização familiar tomou diferentes formas, se anteriormente a maior parte das famílias era composta por um casal heterossexual e seus filhos, esta organização tomou distintas possibilidades na sociedade do século XXI.

Tornou-se mais comum o caso de filhos com pais separados e criados somente pela mãe, embora as leis determinam certa divisão nos cuidados com os filhos através da guarda compartilhada, de modo geral, a mãe é a responsável principal pelo cuidado com os filhos.

Se outrora perante a sociedade o divórcio, ou desquite na época era motivo de comentários e vergonha perante a sociedade, hoje o tema se tornou bastante comum e é encarado com certa naturalidade, sendo muito comum a configuração familiar composta de padrastos e madrastas em uma nova organização pós-divórcio.

A instituição família pode ser considerada o grupo central na organização da vida social, já que ela se constitui de pessoas com valores e pensamentos em comum, a partir do

conjunto família os grupos sociais se mesclam entre si criando a sociedade e sendo a base para os efeitos sociais.

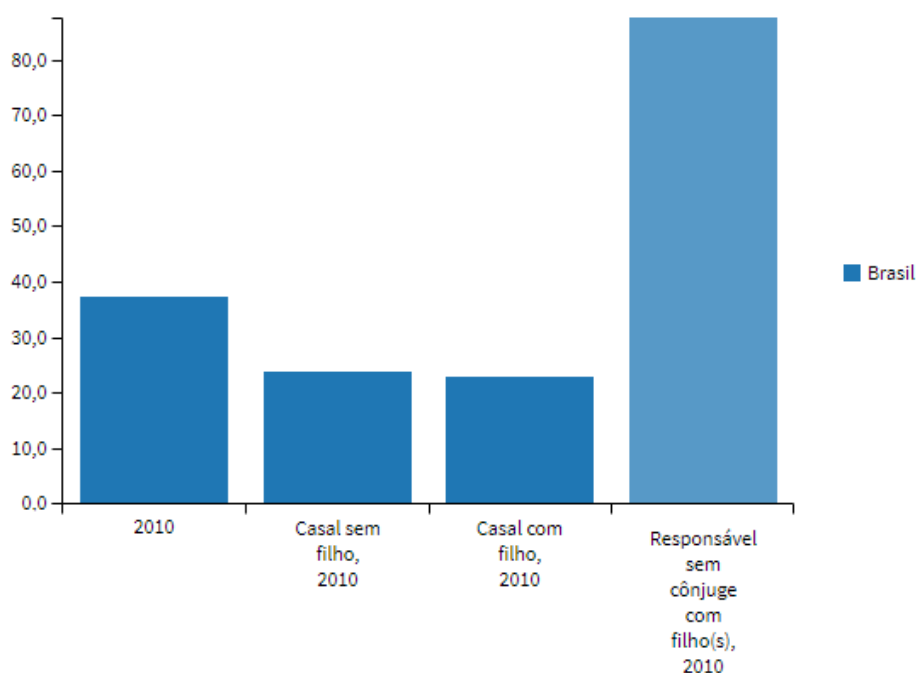
A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo (CARVALHO, 2004, p.90).

Esta seção tem como objetivo analisar o papel financeiro exercido por mulheres que são as únicas responsáveis pelo sustento do lar e cuidadora principal legal de seus filhos.

Segundo dados do IBGE, em 2010, as mulheres eram responsáveis por 37,3% das famílias brasileiras, quando se observa a composição familiar, as famílias formadas pelo responsável sem cônjuge mostram a mulher como responsável em 87,4% dos casos.

A figura 12 representa de melhor maneira a configuração das famílias brasileiras atuais:

Figura 12: Configuração das famílias brasileiras atuais:– Brasil 2010.



Fonte: IBGE, 2010.

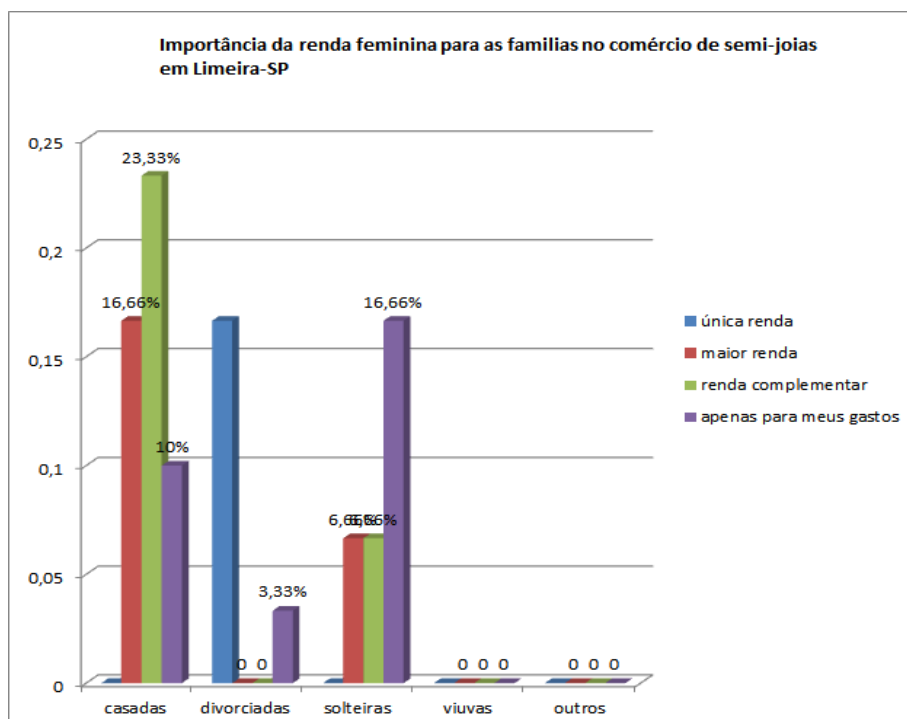
Considerando o espaço ocupado pela mulher no mercado de trabalho ao longo da história, não se pode negar que a renda feminina é de extrema importância para as famílias brasileiras, uma vez que a partir deste rendimento, é possível oferecer melhor qualidade de vidas a todos os integrantes, além de proporcionar um poder decisivo maior naquele núcleo familiar.

No Brasil, no ano de 2010, 27,5% dos lares tem na mulher a maior referência familiar, em termos de suporte financeiro. Vale ressaltar que esse fenômeno é bastante amplo e atinge basicamente, as camadas menos favorecidas em nosso país, a contribuição das mulheres no rendimento familiar foi de 40,9% em média, no mesmo ano, ainda conforme dados do IBGE.

Estes dados revelam de maneira bastante contundente, a importância do rendimento feminino na configuração do grupo familiar brasileiro, uma vez que a partir do capitalismo novas dinâmicas sociais foram criadas, o trabalho da mulher se tornou essencial para atender a demanda familiar, além do fato de que o trabalho feminino se mostra como principal ferramenta para a conquista da liberdade de mulheres no cenário capitalista.

Segundo os dados coletados em trabalho de campo no município de Limeira (SP), 16,66% das trabalhadoras e mães divorciadas têm com o seu trabalho a única fonte de renda familiar, já as mães trabalhadoras que declararam sua renda como complementar, argumentaram que embora exista outra fonte de renda, consideram a sua renda de extrema importância na qualidade de vida dos filhos, o gráfico 18 mostra a importância da renda feminina entre as entrevistadas.

Figura 13: Importância da renda feminina para a família em Limeira (SP).



Fonte: Trabalho de Campo, 2020.

Org. Marion, G.C (2020).

Compreender as alterações de formação familiar é de extrema importância para entender o desenvolvimento do contexto social em que vivemos, bem como no caso deste

estudo, entender o lugar de ocupação da mulher dentro de seu núcleo familiar torna possível analisar a dinâmica social da mulher, como mãe e trabalhadora, cada vez mais incumbida dos cuidados diários para com os filhos, como também a responsabilidade financeira.

Essas alterações de co-parentalidades configuram um novo cenário familiar social conforme aponta Simões e Hashimoto:

Por conta dessas alterações o modelo de família baseado na complementaridade de papéis com o pai provedor e a mãe dona de casa em período integral começa a sofrer rupturas, sinalizando o início da decadência da versão mais tradicional da família nuclear. (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p.6).

Entender sobre os casos de divórcio e responsabilidade no cuidado com os filhos é de extrema importância para entender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, uma vez que, embora a justiça brasileira determine que o pai cumpra com suas obrigações financeiras através do pagamento de pensão alimentícia (que em sua maioria rende valores irrisórios), a mãe é a principal cuidadora, restringindo-se a ela todo cuidado para com os filhos, além da preocupação da demanda financeira para com estes.

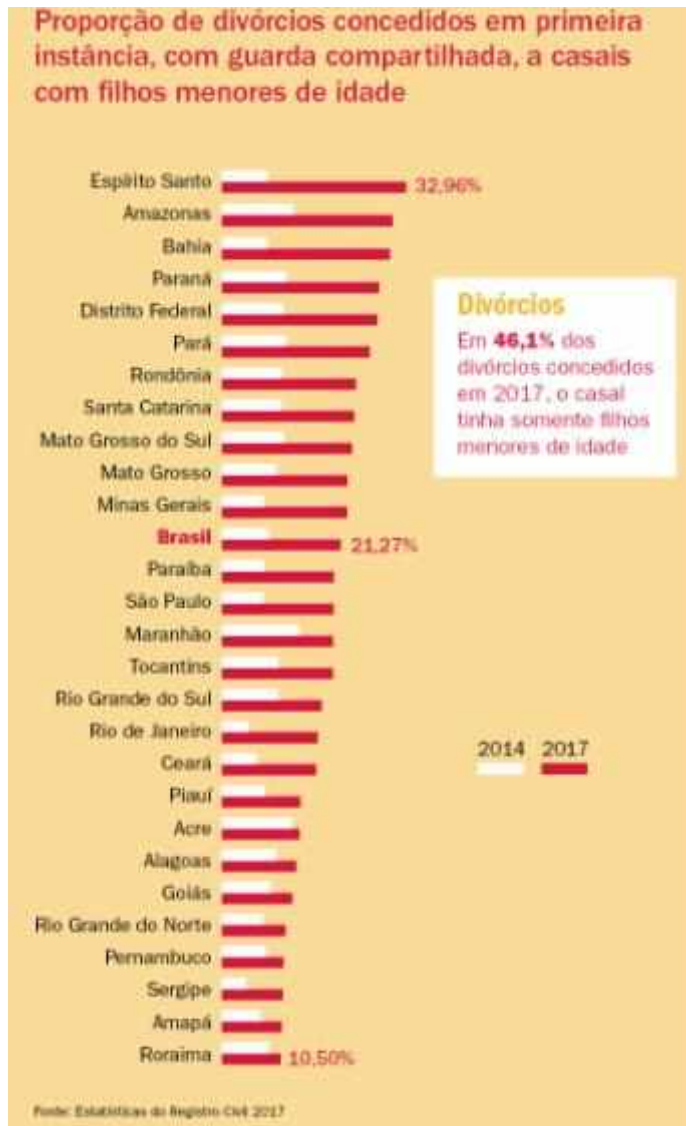
A guarda compartilhada em sua teoria deveria distribuir os cuidados, bem como a convivência, vital para o desenvolvimento infantil, mas devido aos parâmetros sociais que atribuem o cuidar como tarefa feminina, na prática não é bem o que acontece em muitos casos, ainda que os pais desempenhem mais funções atualmente, quando comparados a períodos anteriores.

Para Cláudio Crespo do IBGE em entrevista concedida a revista crescer:

Existe uma ideia enraizada em nosso país de que os cuidados da família como um todo, especialmente das crianças, devem ficar restritos à mulher. Isso é ruim porque é justamente com a divisão de tarefas que as oportunidades crescem. Se a responsabilidade é só da mãe, obviamente essa mulher terá mais dificuldade para se inserir no mercado de trabalho ou estudar, por exemplo. (CRESPO, 2013).

A figura 14 mostra a relação entre divórcios e guarda compartilhada no ano de 2017:

Figura 14: Proporção de divórcios concedidos em primeira instância, com guarda compartilhada, a casais com filhos menores de idade 2014-2017.



Fonte, IBGE, 2019.

Além dos casos citados acima, que levam praticamente toda responsabilidade dos filhos para as mães, existe no Brasil um alto número de casos de crianças que não contam com o nome do pai sequer com o nome na própria certidão de nascimento.

A cada ano, cerca de 500 mil crianças recebem a certidão de nascimento sem o nome do pai. Esse número, corresponde a cerca de 15 % dos nascimentos registrados no Brasil, de acordo com um cruzamento feito com informações de cartórios e dados estimados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nestes casos, a importância do rendimento financeiro desta mulher é ainda mais indispensável, uma vez que a renda para o sustento dos filhos é promovida apenas pela trabalhadora e mãe.

Diversos são os motivos que levam a crianças a não terem o nome do pai no registro de nascimento, não convém refletir a este respeito, mas de maneira geral se pode perceber que

diante do fator biológico, a mãe da criança, por carregá-la em seu ventre e por todos outros padrões sociais que a afetem diretamente, torna-se unicamente responsável pelo seu filho, extinguindo o homem de qualquer responsabilidade.

Considerando que a PNAD continua do IBGE 2020, afirma que as mulheres recebem em média 20, 9% a menos quando comparado aos homens - conforme citado na seção 2.2 - as dificuldades dessas mulheres são ainda maiores, pois devem promover o sustento do lar, sendo “mãe solo”, com rendimentos inferiores ao dos homens, além de não contarem com o pai da criança para a divisão de tarefas. ’

É neste contexto que na próxima seção abordaremos especificamente a relação entre mulheres e maternidade no mercado de trabalho.

4. O TRABALHO E A MATERNIDADE

Trabalho e maternidade são temas bastante complexos na sociedade, se em virtude do capitalismo e da realidade da família brasileira do século XXI, as famílias de modo geral, não podem contar apenas com uma fonte de salário, sendo necessário que a mulher tenha sua própria fonte de renda e consecutivamente conquiste novos espaços na sociedade, do ponto de vista social a mulher deve corresponder às expectativas de ser boa mãe e dona de casa primordialmente.

Os desdobramentos sociais a respeito da mulher, se intercalam de maneira bastante interessante uma vez que ainda é predominante as raízes de uma sociedade machista e ao mesmo tempo se espera de uma mulher que ela seja autossuficiente em renda.

Ao se considerar que a maternidade é um processo que por sua origem biológica corresponde ao feminino, todas as tarefas atreladas a maternidade correspondem socialmente a função da mulher conforme Nunes e Swain :

O dilema foi resolvido pela ancoragem da diferença social e cultural dos sexos em uma biologia da incomensurabilidade, a partir da qual homens e mulheres são tratados como radicalmente diferentes. A consequência lógica desse percurso foi que, a partir idéia de uma diferença biológica “natural”, passou-se a justificar e propor inserções sociais diferentes para os dois sexos (Nunes, 2000, p. 37).

As mulheres são assentadas e definidas por esta diferença em seus próprios corpos, em uma imanência que se concentra em seus órgãos reprodutores. [...] procriar, reproduzir a espécie passou a significar socialmente o feminino e esta significação social chama-se maternidade (SWAIN, 2007, p. 204).

Ao debater a questão maternidade de modo social não se pode deixar de analisar que a questão esta diretamente ligada com o nível social-econômico da mulher, uma vez que mulher com maior grau de escolaridade e conseqüentemente com maior nível econômico e de qualidade de vida pode de maneira muito mais contundente escolher sobre sua maternidade, visto que para esta o acesso a métodos contraceptivos, bem como o conhecimento e discussão atrelados ao planejamento familiar é possível e acessível conforme afirma Scavone:

As contradições inerentes ao processo de industrialização e a forma como as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, marcadas por profundas desigualdades sociais e sexuais, revelam os impactos desse processo na mudança dos padrões da maternidade. No momento em que as mulheres das famílias operárias, no séc. XIX começaram a associar, de forma crescente, trabalho fora do lar e maternidade (leia-se, também, como trabalho no lar), instaurou-se a lógica da dupla responsabilidade, que se consolidou no séc. XX, com o avanço da industrialização e da urbanização, recebendo por parte das análises feministas contemporâneas a designação de “dupla jornada de trabalho. (SCAVONE, 2001, p.49).

Desta forma não é incomum que mulheres com melhores condições financeiras e com maior nível de conhecimento adiem ou até mesmo abdicem a maternidade de modo efetivo, tendo em sua maioria justificativas ligadas ao desejo de cumprir primeiramente seus desejos pessoais e profissionais, além do fato de melhor preparo econômico-familiar.

Os motivos da escolha da maternidade podem estar ligados a inúmeras causas que, isoladas ou conjuntas, se explicariam no ponto de interseção do biológico, do subjetivo e do social: o desejo atávico pela reprodução da espécie, ou pela continuidade da própria existência; a busca de um sentido para a vida; a necessidade de uma valorização e de um reconhecimento social (como no caso de algumas mães adolescentes, ansiosas por ocupar um espaço de maior respeitabilidade na sociedade); o amor pelas crianças; a reprodução tradicional do modelo da família de origem, entre outros. (SCAVONE, 2001, p.50).

Conforme o Censo IBGE 2010 (IBGE, 2011) até 2000, a tendência era de rejuvenescimento da população, de modo que existissem mais jovens em relação ao percentual de pessoas com idade avançada, no entanto, os últimos dados mostram uma queda dessas taxas nas faixas etárias de 15 a 24 anos e um aumento da fecundidade nos grupos acima de 30 anos. Dentre os fatores que levam ao adiamento da maternidade, estão a disponibilidade dos métodos contraceptivos, postergação do matrimônio, níveis educacionais e profissionais elevados e conquista de estabilidade e independência financeira (Lima, 2010; Gomes et al., 2008).

Em um estudo a respeito da maternidade tardia, a revisão está basicamente pautada em estudos internacionais. No Brasil, ainda são poucos os trabalhos que abordam a experiência de maternidade tardia (Gomes et al., 2008). As novas configurações familiares demonstram as tão diversas mudanças sociais ocorrentes de cunho econômico, social, moral e ético na sociedade, pois, se anteriormente a mulher era o centro da organização familiar, com seu novo espaço social a partir do trabalho, se altera a organização familiar de todos os membros,

provocando alterações nas concepções de mãe e pai, dentro do contexto familiar e consequentemente, mudando a concepção de maternidade.

Se o lugar de espaço ocupado pela mulher mudou nos últimos anos, os preconceitos e empecilhos ligados a questão de gênero no mercado de trabalho, também ganharam novos obstáculos sociais a serem superados, embora a mulher seja considerada na atualidade capaz de exercer funções da mesma forma que os homens, existem grandes disparidades, como por exemplo, os trabalhos considerados femininos, as diferenças salariais devido a questão de gênero, o assédio, entre tantas outras questões que serão discutidas ao decorrer deste capítulo.

Considerando a legislação brasileira as mulheres e mães trabalhadoras têm seus direitos amparados legalmente, conforme estabelece o artigo 392 do Decreto Lei nº5.452 de 01 de maio de 1943:

Art. 392. A empregada gestante tem direito à licença-maternidade de 120 (cento e vinte) dias, sem prejuízo do emprego e do salário. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002).

§ 1o A empregada deve, mediante atestado médico, notificar o seu empregador da data do início do afastamento do emprego, que poderá ocorrer entre o 28º (vigésimo oitavo) dia antes do parto e ocorrência deste. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002).

§ 2o Os períodos de repouso, antes e depois do parto, poderão ser aumentados de 2 (duas) semanas cada um, mediante atestado médico. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002)

§ 3o Em caso de parto antecipado, a mulher terá direito aos 120 (cento e vinte) dias previstos neste artigo. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002)

§ 4o É garantido à empregada, durante a gravidez, sem prejuízo do salário e demais direitos: (Redação dada pela Lei nº 9.799, de 26.5.1999)

I - transferência de função, quando as condições de saúde o exigirem, assegurada a retomada da função anteriormente exercida, logo após o retorno ao trabalho; (Incluído pela Lei nº 9.799, de 26.5.1999)

II - dispensa do horário de trabalho pelo tempo necessário para a realização de, no mínimo, seis consultas médicas e demais exames complementares. (Incluído pela Lei nº 9.799, de 26.5.1999)

(Redação dada pela Lei nº 12.873, de 2013)

Art. 392-A. À empregada que adotar ou obtiver guarda judicial para fins de adoção de criança ou adolescente será concedida licença-maternidade nos termos do art. 392 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.509, de 2017).

Além do regimento em favor trabalhista a licença maternidade também garante melhor qualidade no que diz respeito a saúde tanto da mãe quanto do bebe.

De acordo com a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2010) a manutenção do vínculo entre a mãe e o bebê após seu nascimento é intensificado pelo convívio entre os dois, gerando uma sensação de maior bem-estar à criança e uma maior probabilidade de boa saúde mental ao mesmo. Portanto, essa separação do bebê é um momento importante na vida da mulher e da própria criança.

Após a licença maternidade algumas questões podem preocupar a mãe além da volta ao trabalho existe preocupação em não se ausentar demasiadamente do filho bem como não ser prejudicada no trabalho, já que o período pós-licença-maternidade impede realizar horas extras, trabalhos extras, viagens a trabalho, além de aumentar exaustivamente os trabalhos ligados ao cuidado do bebe que ainda é muito pequeno e demanda muita atenção e cuidados.

No Brasil, a CLT, em seu art. 473 trata da licença-paternidade, período em que o pai do bebe recém-nascido tem para estar com o bebe em seus primeiros momentos de vida bem como auxiliar na recuperação de mãe do bebe, atualmente o período de licença paternidade é de cinco dias uteis e pode ser estendido por até vinte dias caso a empresa se encaixe nos termos da empresa cidadã. (Programa de incentivo jurídico/tributário). Ainda que a licença paternidade exista, o período pós-parto exige bastante repouso da mãe bem como um recém-nascido exige muitos cuidados, sendo de extrema importância a ajuda do pai/companheiro neste momento delicado, desta forma, o período de cinco dias pode não ser suficiente para que o pai possa ajudar neste momento.

Apesar de existirem leis que garantam a estabilidade do vínculo empregatício entre mãe/ profissional e a empresa, uma pesquisa recente da Fundação Getúlio Vargas- FGV mostra que a maioria das mulheres é demitida em até 24 meses após a licença maternidade.

Os resultados obtidos foram que a probabilidade de emprego das mães no mercado de trabalho formal aumenta gradualmente até o momento da licença, e decai depois. Além disso, a queda no emprego se inicia imediatamente após o período de proteção ao emprego garantido pela licença (quatro meses). Após 24 meses, quase metade das mulheres que tiram licença-maternidade está fora do mercado de trabalho, um padrão que se perpetua inclusive 47 meses após a licença. A maior parte do mercado de trabalho se dá sem justa causa e por iniciativa do empregador. (FGV, 2019).

De maneira geral, por parte dos recrutadores, a maternidade é encarada como um empecilho por ser considerada sinônima de maior ausência no trabalho uma vez que de maneira geral a mãe é responsável por levar seus filhos nos médicos e cuidar deles no caso de alguma enfermidade ou quando a criança não ficará com o responsável habitual (creche, babá, parentes, etc.).

O Relatório do grupo de pesquisa norte-americano Corporate Women Directors International mostrou que, na América Latina, apenas 47 das 100 maiores empresas têm pelo menos uma mulher nos conselhos de administração. Conciliar a vida profissional com a tarefa materna ainda é visto como um desafio, principalmente por preconceito e falta de compreensão nos ambientes de trabalho. Um levantamento do site Trocando Fraldas revelou que três em cada sete mulheres sentem medo de engravidar e serem demitidas. (ESTEVEZ, 2020).

A maternidade por ser considerada do ponto de vista biológico uma característica exclusivamente feminina, traz a tona, as questões sociais ligadas a mulher como responsável pelo cuidado de crianças, isso interfere diretamente na questão da divisão sexual do trabalho onde os trabalhos ligados a tarefa de serem cuidadoras (professoras, enfermeiras, diarista, babá dentre outros) são considerados trabalhos femininos.

O mercado de trabalho, constituindo-se como um ambiente tradutor das ideologias e representações construídas socialmente, apresenta em sua dinâmica elementos dessas realidades. Atualmente, apesar de todas as mudanças ocorridas no contexto social referentes ao preconceito contra a mulher, parece existir ainda um apego à ideologia que busca caracterizar as mulheres como menos capacitadas para determinados tipos de atividade. Essa ideia também existe em relação aos homens, mas nem sempre; neste caso, a lógica está relacionada a menor capacidade ou menor abertura para a liderança. (BELO; CAMINO, p.271, 2012).

Em grande parte das discussões, durante a história da humanidade, a mulher só era lembrada em referência a reprodução, portanto, esse atributo foi incorporado como sendo próprio da natureza feminina enquanto os homens estão ligados às relações de poder ao longo da história.

Porém, em especial a segunda metade do século XX, após a revolução feminista ou movimento feminista, a mulher ganhou papel de destaque na sociedade, conforme já enfatizamos na seção 2. E é neste contexto que no próximo item abordaremos qual o papel ocupado pela mulher, mãe e trabalhadora na cidade de Limeira (SP) do setor de semijoias.

4.1 A MULHER E MÃE TRABALHADORA EM LIMEIRA-SP

O trabalho de semijoias na cidade de Limeira-SP emprega mais de 30 mil pessoas e, por ser considerado um trabalho bastante delicado e que tem como clientela final o público feminino, o mercado de semijoias na cidade apresenta preferência na contratação de mulheres. Desta forma, muitas mulheres que trabalham no segmento são mães e, a pesquisa de campo realizada demonstrou a realidade das mulheres que estão inseridas neste mercado local.

No que diz respeito à realidade das mães trabalhadoras no ramo de semijoias em Limeira, muitas mulheres optam pelo trabalho em casa, como alternativa de trabalho, que lhe garanta fonte de renda e que lhe permita um cuidado mais próximo dos filhos e do lar. Estes trabalhos ocorrem de forma informal e representam a precarização do trabalho de forma bastante contundente, conforme explica Vilela & Ferreira:

O trabalho em domicílio, se comparado com os empregos usuais do setor industrial, pode ser considerado como de baixa qualidade. Frequentemente sem proteção da legislação trabalhista, oferecendo raríssimas oportunidades de treinamento e ascensão funcional, é uma ocupação extremamente precária. (VILELA; FERREIRA, 2008, p. 184).

O trabalho de semijoias de maneira informal consiste em trabalhos manuais como a cravação, montagem e até mesmo trabalhos com solda que demonstram mais um fator de risco, não existe qualquer tipo de contrato ou garantias trabalhistas, além disso, nesse tipo de trabalho não existe qualquer controle, até mesmo crianças podem trabalhar nesta função uma vez que as peças são repassadas diversas vezes na ligação entre a fábrica e o trabalhador informal. Além destes fatores, o pagamento é feito a partir de produção com valores muito baixos.

A cravação, outro tipo de montagem, consiste em inserir uma pedra ou componente na peça principal. Cada “cravador” pode obter uma produção média de 2.000 a 3.000 unidades cravadas por dia, obtendo uma remuneração de R\$8,00 a R\$10,00 por milheiro, com remuneração de R\$16,00 a R\$30,00/dia. Ainda conforme os depoimentos, a renda mensal de um (a) montador (a) varia de R\$150,00 a R\$250,00, para um período de 8 a 10 horas de trabalho diário. (VILELA; FERREIRA, 2008, p. 186).

O trabalho informal no ramo de semijoias conta também com outras facetas de grave precarização como, por exemplo, o trabalho infantil, não é incomum adolescentes que trabalhem com a montagem de semijoias em casa, trabalho este que demanda muito tempo, visto que é um trabalho manual e, uma vez que o pagamento é feito a partir da produção e com remuneração bastante baixa.

Distribuidores contratados pelas empresas fabricantes percorrem residências próximas às fábricas, partilhando as tarefas a serem realizadas e que compreendem, em sua maioria, operações manuais, pelas quais a remuneração oferecida é bastante reduzida. O trabalho é realizado geralmente por mulheres, e/ou demais elementos da família, crianças e idosos, categorias de força de trabalho que estão provisória ou definitivamente fora do mercado de trabalho, com baixa qualificação. (FERREIRA, 2005, p. 31)

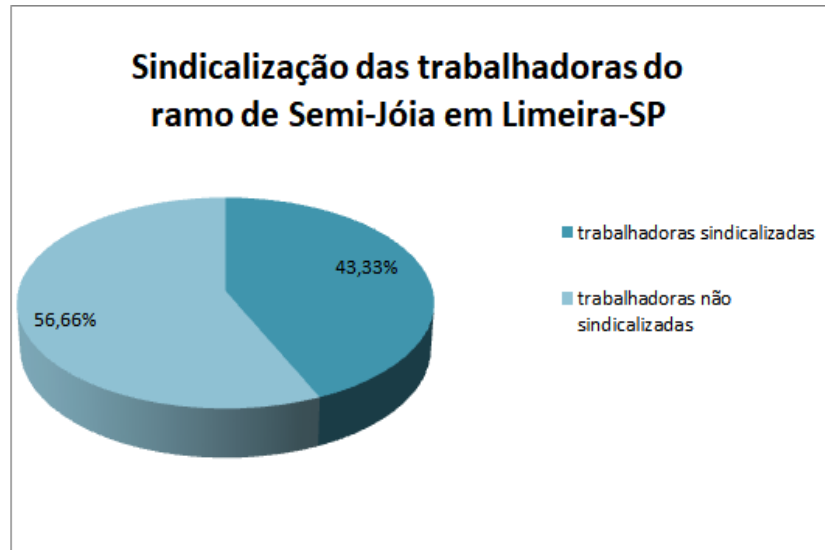
Desta forma, embora o trabalho informal possa parecer bastante atrativo e seja uma alternativa às famílias em situação de desemprego ou mulheres que desejam conciliar seu papel de mãe a obtenção de renda, o trabalho de semijoias de maneira informal caracteriza em todas as suas vertentes, uma forma de trabalho precarizado.

Considerando todo o processo produtivo das peças do mercado de semijoias, grande parte do processo é realizado fora da empresa, de modo que a mão de obra terceirizada usada no processo produtivo, é bastante grande conforme apontado por Vilela e Ferreira:

A montagem e a soldagem dos componentes são realizadas essencialmente nos domicílios por trabalhadores em condições improvisadas, sujeitando um grande contingente de pessoas a riscos à sua saúde e à segurança. Trata-se de processo que expõe a população a trabalhos manuais repetitivos, com adoção de posturas forçadas de membros superiores, mediante o pagamento com base na produção obtida. (VILELA; FERREIRA, 2008, p.186).

O trabalho informal enquanto forma de precarização de trabalho no setor não é o único problema apresentado. Há ainda a falta de união e representatividade apresentada pelos trabalhadores do setor, uma vez que a partir do trabalho de campo, 56,66% das entrevistadas afirmaram não serem sindicalizadas o que pode ser considerada outra dificuldade destas trabalhadoras. Deve-se considerar que foram entrevistadas apenas trabalhadoras contratadas em regime de CLT, a figura 15 representa a sindicalização das entrevistadas.

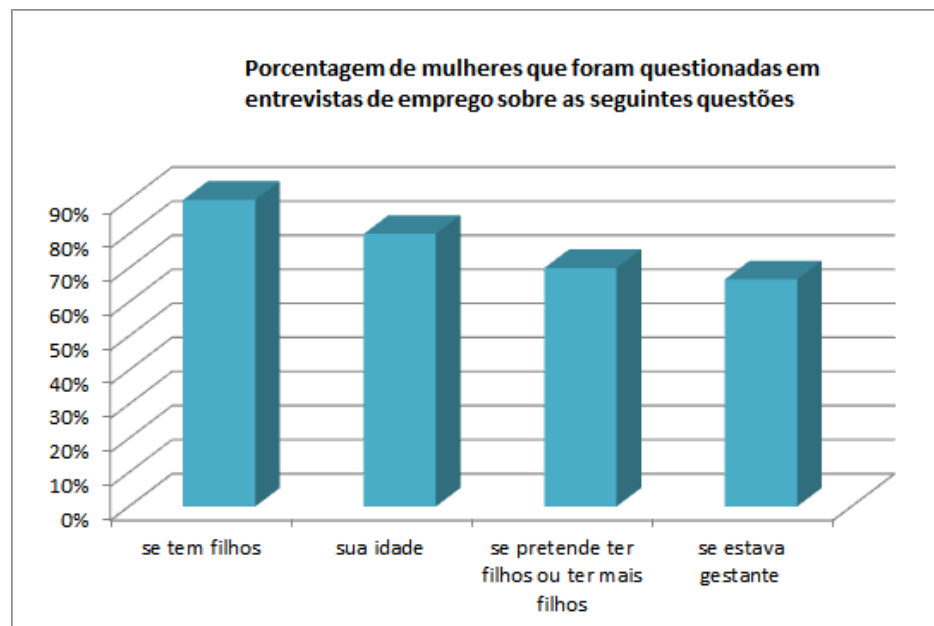
Figura 15: Sindicalização das entrevistadas



Fonte: Trabalho de Campo, 2020.
Org. Marion, G.C (2020)

Ainda que o ramo de semi-jóias prefira a contratação de mulheres, não se extinguem preconceitos ligados às questões de gêneros no mercado de trabalho. A partir das entrevistas, foi possível identificar que no processo da contratação em entrevista de trabalho, a maioria foi questionada sobre o fato de terem filhos, ou a pretensão de ter e outros, ou ainda as mulheres que não tinham nenhum filho, se pretendiam ter ou se estavam gestantes. O gráfico 16 representa o percentual de mulheres que afirmaram terem sido questionadas sobre estas questões em entrevistas de trabalho.

Figura 16: Questionamento em entrevista de trabalho com questões ligadas a maternidade.



Fonte: Trabalho de campo 2020.

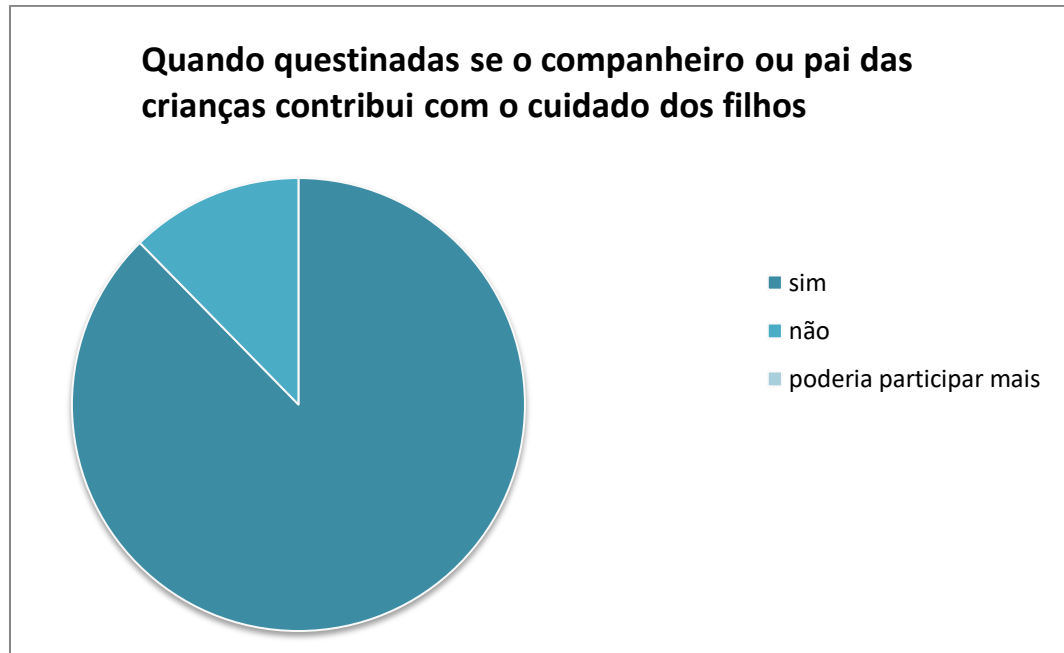
Org.: MARION, G.C (2020).

A reprodução humana apresenta caráter social, quase que de exclusividade feminina, embora seja cada vez mais comum a participação do pai/companheiro na criação dos filhos, nem sempre a divisão de tarefas é uma realidade, além deste fato, é bastante difícil identificar sobre a real proporção na divisão de tarefas entre homens e mulheres, já que o machismo está enraizado na sociedade ao longo da história e acontece nos dias atuais de forma implícita, onde muitas vezes não se identifica tal ação ou até mesmo as próprias mulheres tem atitudes machistas de forma não intencional, um exemplo disso é a crença social de que a mulher nasce com o dom de ser mãe.

Trindade e Enumo (2002) trazem em seu estudo que a maternidade é apresentada socialmente como meta natural da mulher, ela é preparada ao longo de toda a vida para este momento, um caminho que começa a ser trilhado desde o nascimento, sem qualquer referência ao processo de desenvolvimento, a paternidade, entretanto só é vista como natural na vida do homem a partir de um determinado momento. Socialmente a mulher já nasce preparada para a maternidade, enquanto que o homem precisaria passar por um processo de amadurecimento para tornar-se preparado para a paternidade.

Em entrevista concedida em trabalho de campo realizado no mês de outubro de 2020, as mulheres e mães trabalhadoras responderam positivamente sobre ter contribuição do companheiro/pai dos seus filhos no cuidado com os filhos, embora se deva considerar que ainda existe um caminho para que a realidade seja ideal. Os dados referentes foram ilustrados na figura 17.

Figura 17: Contribuição de companheiro ou pai dos filhos na tarefa de cuidar dos filhos



Fonte: Trabalho de Campo, 2020.

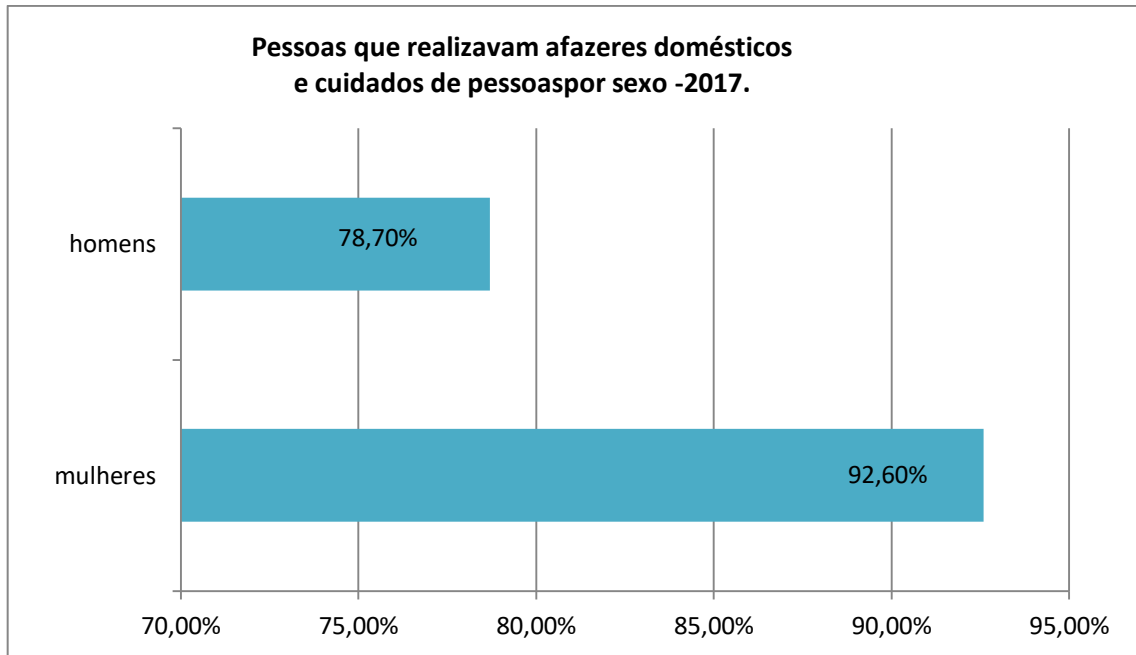
Org. Marion, G.C. (2020)

Dessa forma, além do trabalho feminino existente fora de casa, a mulher é a principal responsável pelas tarefas do lar. O gráfico 18 mostra a mulher como principal responsável pelos cuidados do lar, dentre as mulheres trabalhadoras no ramo de semijóia em Limeira-SP,. Quando não são as mesmas, as principais responsáveis, quase sempre existe uma outra mulher contratada para a função, mas de maneira muito rara um homem é contratado, o trabalho doméstico do homem aparece geralmente como o de ajudante em poucas tarefas.

Se a mulher conquistou novos espaços ao decorrer do tempo, também é verdade que o papel paternal tenha mudado no decorrer do tempo, embora o número de homens que afirmam cuidar dos filhos e das tarefas do lar seja menor que o das mulheres, este número vem aumentando no decorrer dos últimos anos, conforme o IBGE, 2017.

De Entre 2016 e 2017, o percentual de pessoas que realizavam afazeres domésticos e cuidados de pessoas cresceu de 82,7% para 86,0%, chegando a 145 milhões de pessoas. Esta taxa cresceu mais entre os homens (4,6 pontos percentuais.) do que entre as mulheres (2,0 pontos percentuais), mas ainda mostra grande discrepância entre homens e mulheres: enquanto a taxa de realização foi de 92,6% para as mulheres, entre os homens foi de 78,7%. (IBGE, 2017).

Figura 18: Pessoas que realizavam afazeres domésticos e cuidados de pessoas por sexo -2017.



Fonte: IBGE, 2017.

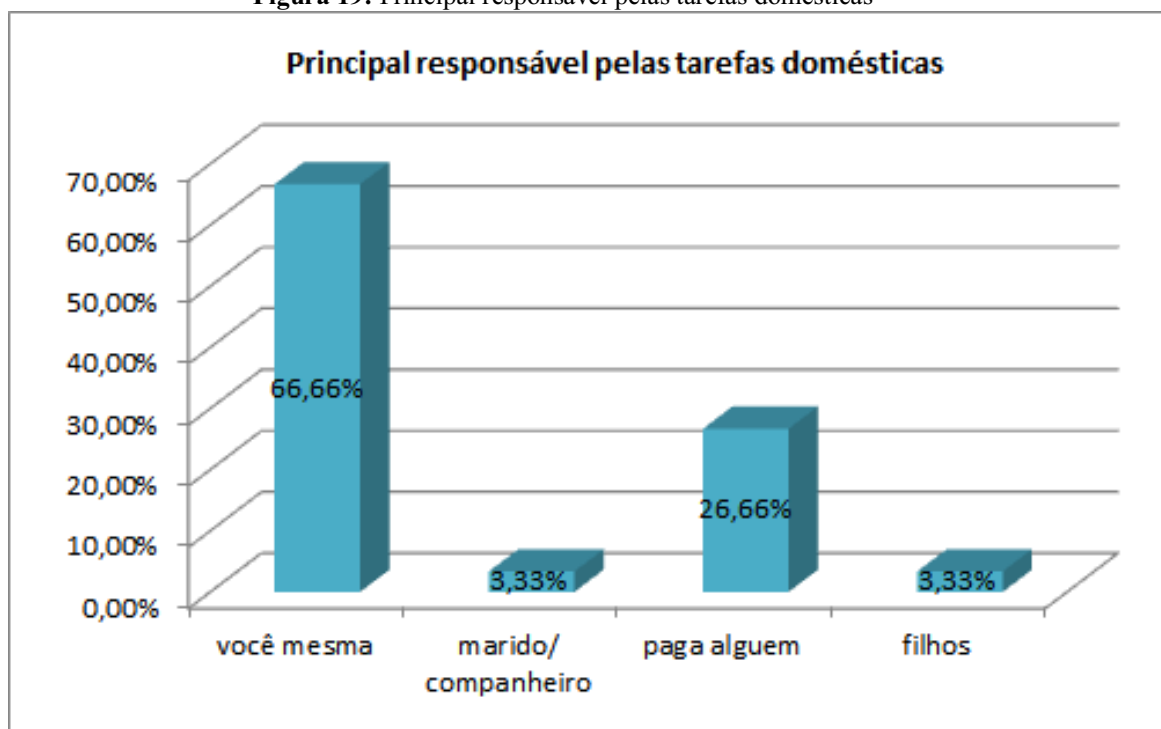
Org. Marion, G.C (2020)

As participações de pais na vida escolar, nas consultas médicas e nas atividades do dia a dia apresentam um papel fundamental na formação psíquica da criança além de proporcionar uma menor carga física e mental as mães.

As teorias psicológicas e as pesquisas científicas afirmam e fundamentam o papel da figura paterna no desenvolvimento e no psiquismo infantil. É pressuposto da teoria psicanalítica o papel estruturante do pai, a partir da instauração do complexo de Édipo. (BENCZIK, 2011, p.69).

O crescente reconhecimento do papel do pai contribuiu para novos direcionamentos das relações da família como um todo. Assim, esses direcionamentos levam a reconsiderar as interações dos pais entre si, como casal, e o modo como a chegada do bebê modifica o equilíbrio conjugal e conduz à ascensão de novos papéis (WENDLAND, 2001).

Como já descrito anteriormente, as tarefas domésticas quase sempre estão ligadas a responsabilidade feminina dentro da organização familiar, na amostragem feita a partir de entrevistas a cidade de Limeira (SP), apresentou resultados que condizem coma realidade do país conforme ilustra a figura 19.

Figura 19: Principal responsável pelas tarefas domésticas

Fonte: Trabalho de Campo, 2020.

Org. Marion, G.C (2020)

De modo geral, assim como o restante da população brasileira, as mulheres limeirenses nem sempre contam com ajuda dos companheiros nas tarefas domésticas, algumas relataram certo incômodo e que a divisão de tarefas seria um tema bastante discutido em seus lares, além disso, existem também as mulheres que se consideram mais aptas a organização e execução de tarefas do lar, de modo geral, as mães relataram que buscam uma educação de divisão igual de tarefas entre os filhos, independentemente de sexo, “ele deve ser diferente dos homens de hoje, o mundo está mudando”, referindo-se ao filho.

Questões ligadas à educação de crianças por questões de gênero, têm sido amplamente discutidas na sociedade atual e se torna uma das pautas do movimento feminista no país, de modo que, as mães pretendem ter filhos que também sejam “treinados”, para executar tarefas do lar e do cuidado com os filhos, as questões ligadas ao gênero crescem juntamente com as crianças desde os primeiros momentos de vida, ligando tarefas e brincadeiras a questões de gênero conforme Viana e Finco.

As distinções podem ser percebidas, mas não são fixadas na característica biológica apresentada ao nascer. Os significados de gênero – habilidades, identidades e modos de ser – são socialmente configurados, impressos no corpo de meninos e meninas de acordo com as expectativas de uma determinada sociedade. Se, por um lado, é possível observar o controle da agressividade na menina, o menino sofre processo semelhante, mas em outra direção: nele são bloqueadas expressões de sentimentos como ternura, sensibilidade e carinho. Os brinquedos oferecidos às crianças também estão

carregados de expectativas, simbologias e intenções. (VIANA; FINCO, 2009, p.273).

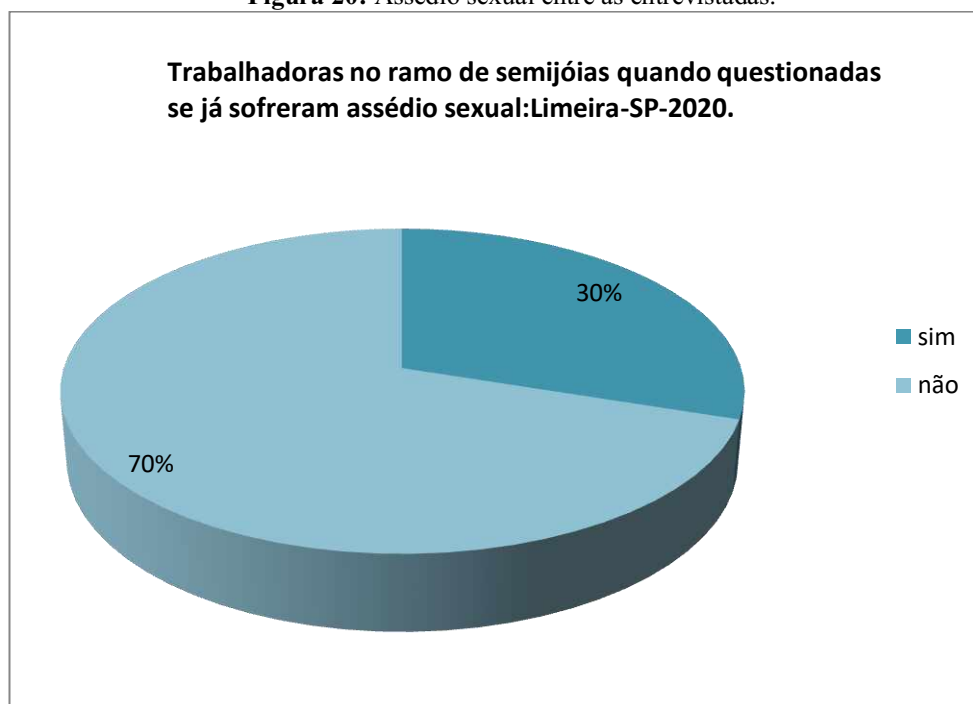
Embora o mercado de semijoias remeta em sua primeira lembrança remonte ao luxo e ao esplendor, a realidade do processo produtivo se mostra totalmente diferente deste ideal, além das problemáticas trabalhistas ligadas ao setor informal de trabalho, existe a questão ligada à saúde dos trabalhadores que atuam no processo químico das mesmas (galvanoplastia) uma vez que os componentes utilizados no processo de banho (aplicação de prata/ouro sobre a peça de semijoia bruta) são extremamente tóxicos, conforme aponta Figueiredo (2011).

Relatos de galvanoplastas expostos por longo tempo incluem mudanças funcionais na audição, perda de apetite, cefaleia, fraqueza, náusea, tontura, irritação no trato respiratório superior, causando tosse e dificuldade respiratória (CURRY, 1992), além de dermatites (LEWIS, 1996).

Desta forma, é possível perceber que, ainda que o setor joalheiro seja bastante lucrativo e contribua sobremaneira na colocação de postos de trabalho para o município, muitas são as facetas deste trabalho que muitas vezes estão ligados a situações precárias de trabalho, trabalho infantil, alta periculosidade devido aos componentes químicos de galvanoplastia dentre outras situações que demonstram a precarização trabalhista no setor.

Ainda que o objetivo principal deste estudo esteja ligado à dualidade existente entre maternidade e trabalho, as questões trabalhistas ligadas ao gênero trazem outros aspectos a serem discutidos, que muito demonstram sobre o caminho a ser trilhado em busca de igualdade trabalhista, como as questões ligadas ao assédio sexual por exemplo.

No momento do trabalho de campo, com entrevistas realizadas junto às trabalhadoras do setor de semijoias, 30% das entrevistadas (ou 9 trabalhadoras) declararam que já sofreram assédio sexual e muitas delas relataram que após o ocorrido decidiram pedir demissão, nunca procurando o meio legal através de processos trabalhistas ou prestando queixa. A figura 20 ilustra graficamente.

Figura 20: Assédio sexual entre as entrevistadas.

Fonte: Trabalho de Campo, 2020.

Org. Marion, G.C (2020)

Sendo assim, o trabalho de campo muito contribuiu para que fosse traçado um perfil das mulheres limeirenses que trabalham no setor de semijoias da cidade, demonstrando suas principais dificuldades, a organização trabalhista do setor, as questões ligadas ao gênero e principalmente, a questão central deste estudo, traçando o perfil da mulher, mãe e trabalhadora deste setor na cidade.

De modo geral, as mulheres trilharam seu caminho de autonomia e liberdade através da conquista financeira a partir de seu próprio trabalho, os novos posicionamentos sociais ocupados pela mulher não extinguiram os que existiam anteriormente, sendo possível afirmar que existe uma dualidade entre o que é esperado de uma “mulher moderna” na sociedade atual.

A maternidade e o trabalho são questões conflituosas entre si do ponto de vista social e econômico, principalmente quando se leva em consideração as mulheres que não pertencem a uma classe social privilegiada e cujo trabalho é indispensável ao sustento da família e, que em sua maioria, não podem financeiramente contratar ajuda, seja para com as tarefas do lar ou no cuidado para com os filhos, tarefas essas que são consideradas em pleno século XXI, exclusivamente femininas, o que causa sobrecarga física e psicológica à mulher

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão realizada nesse estudo aponta a precarização do trabalho feminino, no ramo de semijoias em Limeira (SP), com ênfase no caso das mulheres e mães, pois, de maneira geral, o mercado de trabalho tem certa resistência à maternidade, uma vez que esta é encarada como maior fonte de encargos, tais como a licença-maternidade e um maior afastamento da funcionária de seu trabalho, já que esta mulher-mãe-trabalhadora se ausentaria mais vezes para cuidar de seus filhos.

Diferentes questões foram levantadas ao realizar entrevistas com as trabalhadoras, já que ao se estudar melhor sobre o setor joalheiro, principal atividade econômica do município de Limeira (SP), foram identificadas diversas questões trabalhistas ligadas ao gênero. Foi observado que existe certa preferência na contratação de mulheres, já que o trabalho tem como característica a delicadeza e, tendo como clientela final em sua maioria mulheres, este trabalho é considerado por parte dos recrutadores bastante feminino.

Embora exista essa preferência na contratação de mulheres, as questões trabalhistas ligadas ao feminino não se excluem, já que a maioria das entrevistadas aponta que foram questionadas no momento da contratação sobre questões ligadas unicamente ao universo feminino, como a maternidade por exemplo.

Além disso, este estudo buscou entender outras atividades atribuídas ao feminino, considerando todos os tipos de trabalho e não somente aqueles do qual se obtém retorno financeiro.

Durante toda a história da humanidade, as funções ligadas ao cuidado do lar e dos filhos, foram consideradas como trabalho feminino, estando ligadas de maneira intrínseca o valor da mulher ao seu desempenho como mãe e dona de casa perante a sociedade. Ainda que, as conquistas femininas tenham reservado novos espaços de ocupação para a mulher, o posto anterior e principalmente seu lugar como cuidadora dentro do ambiente familiar permaneceu, criando assim a chamada dupla jornada, que nada mais seria do que a jornada trabalhista fora do lar, da qual se obtém retorno financeiro, bem como a jornada de trabalho doméstico e de cuidado para com os filhos, gerando assim uma sobrecarga à mulher.

A partir da conquista da mulher com a possibilidade de se trabalhar fora do lar, mudanças na estrutura de toda sociedade ocorreram, com o fortalecimento do sistema capitalista, para a sobrevivência de famílias de classe média, o trabalho feminino se tornou uma alternativa para a obtenção de renda extra para a família, além disso, o fato de que a

mulher contribua financeiramente dentro de seu lar, lhe confere maior liberdade e maior poder na tomada de decisões dentro do ambiente familiar.

Ainda que as conquistas femininas tenham conferido mudanças no papel que a mulher ocupa na sociedade, além de alterações na organização das famílias, bem como as modificações econômicas, algumas características de um tempo passado permanecem, conferindo à mulher, o papel de principal responsável pelo cuidado da casa e dos filhos e, desta forma, estando menos disponível para suas funções no trabalho fora do lar.

Deste modo, é possível perceber que a maternidade é encarada como um empecilho no mercado de trabalho, ainda que esta seja valorizada pela sociedade, o que gera uma dualidade na vida de mães trabalhadoras. Entender esta dualidade, as transformações sociais e econômicas advindas do trabalho feminino, bem como almejar melhorias futuras para a questão de gênero é de extrema importância para a sociedade como todo.

A dualidade da visão de maternidade no mundo social e no mundo do trabalho trouxe um interessante fato sobre a situação específica do município de Limeira (SP), o trabalho informal, encarado como alternativa por muitas mães que pretendem trabalhar em casa, para que possam obter rendimento financeiro e ao mesmo tempo cuidar de maneira mais próxima dos filhos, ao mesmo tempo em que revela fortes traços de precarização do trabalho, que pode apresentar riscos, como no caso dos trabalhos relacionados à solda, o fato de existir trabalho infantil como alternativa de sobrevivência às famílias menos favorecidas e até mesmo, a precarização existente dentre os trabalhadores contratados em regime de CLT, que trabalham com materiais perigosos, como é o caso do trabalho de galvanoplastia.

O caso da cidade de Limeira, pólo industrial da semijoias, mostra que embora as mulheres apresentem a vantagem de ter preferência na contratação neste setor, e serem consideradas mais aptas para o trabalho no mesmo, que possui características ligadas ao feminino, o preconceito não exclui o número de mulheres que sofrem com questões como assédio sexual e a maternidade colocada como empecilho, paradigmas estes que permanecem.

Por fim, é importante ressaltar que este é um tema que não se esgotaria por aqui, pois o papel da mulher no mercado de trabalho vem alcançando cada vez maior destaque e faz-se necessário a realização e continuidade de pesquisas científicas que abordem tema de tamanha relevância ao longo deste século XXI em curso e que estas pesquisas possam também denunciar o que há de falho e ilegítimo na não valorização da mulher no mercado de trabalho e valorizar cada vez mais seu papel de destaque e inserção na sociedade, visto que o lugar da mulher é onde ela deseja estar.

REFERENCIAS

ALJ. **Associação Limeirense de Joias**: Mercado de Semi Joias de Limeira. Disponível em <<http://www.alj.org.br/site/index.php>>. Acesso em 30 mar. 2020.

ANDRADE, Tânia. **Mulheres no mercado de trabalho: Onde nasce a desigualdade?**, 2016. Disponível em:<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema7/2016_12416_mulheres-no-mercado-de-trabalho_tania-andrade>. Acesso em 18 mai.2020.

BAENINGER, Rosana et al, Dinâmica Populacional da Cidade de Limeira. *In*: BAENINGER, R. PERES. R. **Região de Limeira**. V.5. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Faculdade de Ciências Aplicadas/Unicamp, 2012. p. 9-35.

BENCSIK, Edyleine B. P., **A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil**. Rev. Psicopedagogia, v.85, p. 67-75, 2011. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 15 mai. 2020.

BRASIL. DECRETO N.º 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943. **Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho**. Brasília, DF, Mai, 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/De15452.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R.. **A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 110, p.67-104, jul. 2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a03.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRUSCHINI, M. C. A.. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p.537-572, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132>> Acesso em: 23 fev. 2020.

CARVALHO, J.A.M.; BRITO, F.A **demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios**.Rev. bras. estud. popul. v.22 n.2 p.351-359, São Paulo, jul./dez. 2005.

CARVALHO, M. **Modos de educação, gênero e relações escola-família**. Cadernos de Pesquisa, v.34, n.121, jan./abr.2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

COSTA, F.A. **Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 3, n. 6, p.434-452. jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986/13632> >. Acesso em: 10 mai. 2020.

DI GIULIO, G. **Pólo de joias e bijuterias cresce com informalidade e pouca inovação.** Inovação Uniemp. v.3. n.2, Campinas 2007. Disponível em: <<http://inovacao.scielo.br/pdf/inov/v3n2/a24v03n2.pdf>>. Acesso em 20 out. 2020.

ESTEVES, Eduarda. **8 de março: mulheres relatam os desafios de conciliar trabalho e maternidade.** IG ECONOMIA, 2020. Disponível em: <<https://economia.ig.com.br/2020-03-06/8-de-marco-mulheres-relatam-os-desafios-de-conciliar-trabalho-e-maternidade.html>>. Acesso em 18 mar.2020.

IBGE, Agência de Notícias, **Diferença cai em 7 anos mas mulheres ainda ganham menos que homens.** 2019. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20menosquehomens>>. Acesso em 13 mar. 2020.

IBGE, **Cidades-Limeira (SP)** 2010. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/limeira.html>>.Acesso em 13 mar. 2020.

IBGE, **estatística do registro civil,** 2019. Disponível em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2018_v45_informativo.pdf>. Acesso em 13 mar.2020.

IBGM. Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos: **Cenários e Mercados de Semi Joias.** Disponível em: <<https://ibgm.com.br>>. Acesso em 30 mar. 2020.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mulheres dedicam muito mais tempo ao trabalho doméstico, mas a diferença cai.** 2018. Disponível em:<https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34450> Acesso em: 12 set. 2020.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão popular, 1 jan. 2000.

LIMA, Flavia T.; GEMMA Sandra F. G. **Prazer e Sofrimento no trabalho: Vivências na produção de semijoias.**Psicol. Soc. vol.31 Belo Horizonte. P. 01-16, 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v31/1807-0310-psoc-31-e181155.pdf>> Acesso em: 20 mai.2020.

MACHADO,C. **Mulheres perdem trabalho após terem filho.** FGV, 2019. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/think-tank/mulheres-perdem-trabalho-apos-terem-filhos>>.Acesso em 24 abr. 2020.

NOGUEIRA,C.M., **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização.** In: ANTUNES, Ricardo. A., SILVA, Maria A.M. O avesso do trabalho, Maringá, Expressão popular, 2004, p.243-284.

NUNES, Alyxandra Gomes. **Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras-PPGEAFIN., v. 3, n. 5, 2016.

OLIVEIRA, L.P. R.; CASSAB L.A. **O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas.** In: III SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. Anais. Universidade Estadual de Londrina. 2014. p 1-7.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S.. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.** In: I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. Anais. Universidade Estadual de Londrina.2010. p 1-10.

PRONI, T. T.R.W.; PRONI, M. W. **Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil.** Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, 2018. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/ref/v26n1/1806-9584-ref-26-01-e41780.pdf>>. Acesso em : 28 ago. 2020.

RENNÓ JR. Joel. **Feliz dia internacional da mulher: A luta continua.** Estadão. São Paulo, 2014. Disponível em:<<https://emails.estadao.com.br/blogs/joel-renno/feliz-dia-internacional-da-mulher-a-luta-continua/>>. Acesso em: 15 set. 2020.

SAFA,Helen I. **De mantenedas a provedoras: mujeres e industrialización en el Caribe.** San Juan: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1998.

SANTOS, G. P., SANTOS, J.C. **A Importância do trabalho das mulheres nordestinas na renda familiar após a crise do setor canavieiro na região de Ituiutaba (MG).** In : SANTOS, E. F. Geografias Feministas, Geografias LGBTQI+ e Geografias Negras: A diversidade no Encontro Nacional de Geógrafos de 2018, Rio de Janeiro, Ed.Lousiana, 2018, p.23-29.

SARTI, Cynthia A. **Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro.** Cad . Pagu .n. 16, p.31-48, Campinas, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03.pdf>>. Acesso em: 9 Jul. 2020.

SCAVONE, L. **Motherhood: transformation in the family and in gender relations.** Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SIMÕES, F.I.W.; HASHIMOTO, F. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX.** Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas, MG–Brasil, N°02–Ano I, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n1/v5n1a06.pdf>>.pdf Acesso em: 2 jun. 2020.

SOUZA, Luis Gonzaga. **A mulher na sociedade atual.** Disponível em: <<https://www.eumed.net/cursecon/libreria/2004/lgs-mem/10.htm>> . Acesso em: 6 ago. 2020.

SWAIN, Tania Navarro. **Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares,** p. 201-244, 2007.
VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninos e Meninas na Educação Infantil: Uma relação de gênero e poder.** Cadernos Pagu, v.33, p. 265-283, Jul./Dez.2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VILELA, Rodolfo.A.G; FERREIRA, Marcos, A.L. **Nem tudo brilha na produção de jóias de Limeira-SP.** Produção, v. 18, n. 1, p. 183-194, Jan./Abr. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prod/v18n1/a14v18n1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Idade:

18-24 25-34 35-44 45-55 acima de 55

2. Estado civil: casada solteira viúva separada outros.

Qual? _____

3. Escolaridade:

ensino fundamental incompleto ensino fundamental completo

médio incompleto ensino médio completo

ensino superior incompleto ensino superior completo

outro. Qual?

4. Têm filhos? sim não

Se sim, Quantos?

1 2 3 4 5 acima de 5, especificar quantos

5- Qual setor você trabalha?

6- Há quanto tempo trabalha neste setor:

menos de 6 meses 2 a 5 anos

menos de 1 ano 5 a 10 anos

1 a 2 anos acima de 10 anos

7- Há outras pessoas da sua família que também trabalham neste setor:

sim não

Se sim, quantas?

8- Sobre sua renda mensal:

até 1 salário mínimo 3 a 5 salários mínimos

1 a 2 salários mínimos acima de 5 salários mínimos

2 a 3 salários mínimos

9. Qual a importância da sua renda para a sua família?

é a única renda é a maior é complementar é apenas para meus

gastos pessoais

10. Caso não seja a única renda, quem mais trabalha na família?

esposo/companheiros filhos outros, especificar

11. Qual sua função no atual emprego?

12.- Há homens trabalhando com você no seu setor?

sim não

Se sim, você se sente respeitada por eles:

sim não Porquê?

13. Já foi questionada em entrevistas de trabalho, em qualquer trabalho ao longo de sua vida:

- se tem filhos ?() sim () não -se pretende ter mais filhos ()
sim () não

- sua idade? () sim () não

- se estava gestante() sim () não

14. Quem cuida da maior parte dos trabalhos domésticos no seu lar?

() você mesma () marido/companheiro

() filhos () paga alguém () outros. Especifica

15. Quantas horas por dia é o seu turno de trabalho:

() 6 hs () 8 hs ()outro. Qual?

16. Em média quantas horas são gastas em trabalho doméstico por dia?

() De 1 a 3 h/dia () Mais de 3H/dia

17. O seu companheiro(a) ou pai dos seus filhos, ajuda nos cuidados dos filhos?

() sim ()não ()poderia ajudar mais

18. O seu companheiro(a) ou pai dos seus filhos, ajuda nas tarefas domésticas?

() sim ()não

Se sim, ajuda em quais tarefas?

19- Já sofreu assédio sexual no trabalho, em algum momento de sua vida?

() sim () não

Em caso afirmativo, poderia relatar brevemente como foi?

20- Já sofreu assédio moral no trabalho, em algum momento de sua vida?

() sim () não

Em caso afirmativo, poderia relatar brevemente como foi?

21- Já deixou de ser contratada em alguma empresa por estar grávida?

() sim () não

22- Já perdeu o emprego ao retornar de licença maternidade?

() sim () não

23- Você é sindicalizada?

() sim () não

24- Quais as principais dificuldades em trabalhar na sua atividade?

25- Se pudesse optar entre mudar de emprego ou continuar neste, você:

() continuaria neste emprego() mudariaPorquê?